



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA**  
**CAMPUS DE GRAJAÚ**  
**CURSO INTERDISCIPLINAR DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS-**  
**GEOGRAFIA**

**JOSELMA SILVA DOS SANTOS**

**A ESTÉTICA DA MULHER NEGRA COMO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA AO**  
**RACISMO EM GRAJAÚ-MA**

**GRAJAÚ – MA**  
**2019**

**JOSELMA SILVA DOS SANTOS**

**A ESTÉTICA DA MULHER NEGRA COMO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA AO  
RACISMO EM GRAJAÚ-MA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Geografia da Universidade Federal do Maranhão-Campus Grajaú, para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Humanas/Geografia.

**Orientador:** Prof. Dr. Ramon Luis de Santana Alcântara

**GRAJAÚ – MA  
2019**

## FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Silva dos Santos, Joselma.

A ESTÉTICA DA MULHER NEGRA COMO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA  
AO RACISMO EM GRAJAÚ-MA / Joselma Silva dos Santos. -  
2019.

60 f.

Orientador(a): Ramon Luis de Santana Alcântara.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -  
Geografia, Universidade Federal do Maranhão, Grajaú, 2019.

1. Empoderamento negro. 2. Estética negra. 3. Mulher  
negra. 4. Transição capilar. I. Luis de Santana  
Alcântara, Ramon. II. Título.

**JOSELMA SILVA DOS SANTOS**

**A ESTÉTICA DA MULHER NEGRA COMO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA AO  
RACISMO EM GRAJAÚ-MA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Geografia da Universidade Federal do Maranhão-Campus Grajaú, para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Humanas/Geografia.

Aprovada em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Ramon Luis de Santana Alcântara  
Universidade Federal do Maranhão  
(orientador)

---

Profa. Dra. Herli de Sousa Carvalho  
Universidade Federal do Maranhão

---

Prof. Me. Richard Christian Pinto dos Santos  
Universidade Federal do Maranhão

Dedico este trabalho a minha avó Maria (in memoriam), sempre acreditando no meu sucesso e que todos os dias me incentivava a sonhar em dias melhores.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado o dom da vida, por permitir realizar os meus sonhos.

Agradeço as minhas amigas “poder”, Aline, Cynthia Helena, Kelly, pela paciência em me ouvir nos momentos de desespero, por me permitir compartilhar momentos felizes com você, a vida acadêmica me proporcionou momentos maravilhosos e todas vocês estavam compartilhando esses acontecimentos ao meu lado

Quero fazer um agradecimento especial ao meu orientador, Prof. Dr. Ramon Luis de Santana Alcântara, pois sem ele esse trabalho não teria sido escrito, agradecer pela paciência que teve comigo e por não me abandonar quando não cumpria os prazos, agradecer pelas mensagens de apoio, por me orientar brilhantemente na escrita deste trabalho.

Agradeço a todos os professores da UFMA que contribuíram para o meu crescimento intelectual.

Agradeço a minha amiga Sandreane por me apresentar o grupo PET, sou grata a Deus por fazer parte dessa família maravilhosa de petianos, mais conhecida como PET PODER.

Agradeço ao grupo EDUCARES por me permitir conhecer e entender a diversidade presente em Grajaú.

Meus sinceros agradecimentos as colaboradoras, Conceição, Nilma, Dandara, Mel, Joice e Bianca.

Agradeço a minha família por estarem sempre ao meu lado, em especial ao meu pai José que sempre me apoiou.

Agradeço aos amigos que já fazem parte da minha família, Josuila e Mateus que sempre acreditaram no meu potencial.

Agradeço ao meu filho do coração Lucas Emanuel por alegrar meus dias.

Agradeço a “psi” Lizandra pelas tardes de conversas.

*Cabelo quando cresce é tempo  
Cabelo embaraçado é vento  
Cabelo vem lá de dentro  
Cabelo é como pensamento*

*(Cabelo, Jorge Ben Jor/ Arnaldo Antunes)*

## RESUMO

Este trabalho se mostra necessário para compreender a forma como as mulheres negras passam por etapas de autoafirmação de sua beleza, bem como, a mesma se utiliza desses instrumentos para combate dos preconceitos em sua realidade. O ambiente de observação/estudo é o município de Grajaú-MA, onde foi analisada de que maneira a estética da mulher negra, residente nesse município, torna-se instrumento de resistência ao racismo. Tomamos como questões norteadoras : Qual a relação entre a estética da mulher negra e empoderamento? Quais os desafios e conquistas das mulheres negras que passam a utilizar o cabelo como prática de resistência? De que maneira a transição capilar influencia na autoestima da mulher negra? Tendo como motivação inicial da análise acadêmica a vivência pessoal, como mulher negra onde os preconceitos e racismos sofridos pela população negra sempre estiveram presentes desde a infância da pesquisadora. Dividido em três capítulos, o trabalho busca explicar sobre a transição capilar e o processo de empoderamento da mulher negra por meio da estética do cabelo. Por fim, resistência e empoderamento dialogam na ressignificação das trajetórias dessas mulheres, a partir da transição, em contraponto a uma sociedade que ainda não conseguiu se desvencilhar de séculos de opressão contra a população afrobrasileira e que com isso, acostumou-se a naturalizar ideias de que “o cabelo crespo é ruim”, “o cabelo liso é bonito”.

**Palavras-Chave:** Mulher negra. Empoderamento negro. Transição capilar. Estética negra.

## **ABSTRACT**

This work is necessary to understand how black women go through self-affirmation stages of their beauty, as well as, it uses these instruments to combat the prejudices in their reality. The observation / study environment is the municipality of Grajaú-MA, where it was analyzed how the aesthetics of the black woman, resident in this municipality, becomes an instrument of resistance to racism. We take as guiding questions: What is the relation between the aesthetics of the black woman and empowerment? What are the challenges and achievements of black women who start using their hair as a resistance practice? In what way does capillary transition influence the self-esteem of black women? Having as initial motivation for the academic analysis the personal experience as a black woman where the prejudices and racisms suffered by the black population have always been present since the researcher's childhood. Divided into three chapters, the paper seeks to explain the hair transition and the process of empowerment of black women through hair aesthetics. Finally, resistance and empowerment dialogue in there-signification of the trajectories of these women, from the transition, in counterpoint to a society that has not yet managed to get rid of centuries of oppression against the Afro-Brazilian population and with that, it has become used to naturalize ideas of that "curly hair is bad", "straight hair is beautiful".

**Keywords:** Black woman. Black Empowerment. Hair transitions. Black esthetics.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 DA OPRESSÃO DA ESCRAVIDÃO À CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER NEGRA NO BRASIL .....</b>	<b>15</b>
<b>2.1 Empoderamento e resistência: a mulher e a cultura afro.....</b>	<b>20</b>
<b>2.2 A estética da mulher negra e a opressão/resistência através do cabelo .....</b>	<b>23</b>
<b>3 DESAFIOS E CONQUISTAS DAS MULHERES NEGRAS NO SEU PROCESSO DE TRANSIÇÃO .....</b>	<b>27</b>
<b>3.1 A pesquisa .....</b>	<b>27</b>
<b>3.2 Cabelo e suas representações .....</b>	<b>29</b>
3.2.1 Transição e desafios.....	30
3.2.2 Química e cabelo .....	36
3.3.3 Cabelo e amor.....	39
<b>3.3 A resistência por parte da família e de outras instituições em acolher a mulher negra .....</b>	<b>40</b>
3.3.1 Família e cabelo.....	43
<b>3.4 Cabelo e trabalho.....</b>	<b>44</b>
<b>4 ENTENDENDO A RELAÇÃO ENTRE ESTÉTICA NEGRA E EMPODERAMENTO FEMININO SOB A ÓTICA DAS MULHERES GRAJAUENSES.....</b>	<b>47</b>
<b>4.1 Cabelo e resistência: A construção da identidade negra a partir do cabelo crespo....</b>	<b>48</b>
<b>4.2 A influência da mídia sob a estética negra: moda ou resistência?.....</b>	<b>51</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>54</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>57</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Historicamente, falando a população negra no Brasil sempre esteve negligenciada, seja através da invisibilidade dos seus direitos, seja através da utilização dos seus traços como alegorias. Como bem expõe Van Dijk (2008, p.13):

Do Norte ao Sul, no México, na Venezuela, na Colômbia, no Peru e, especialmente, no Caribe e no Brasil, as pessoas de origem africana foram sistematicamente inferiorizadas em todos os domínios da sociedade. Preconceitos contra os negros aliados a uma vasta rede de práticas discriminatórias reproduziram, por conseguinte, a pobreza, o baixo status e outras formas de desigualdade social no que concerne ao branco dominante e às elites mestiças.

Dessa forma, o processo de se conhecer e de se aceitar não se constitui como algo fácil, principalmente diante de décadas de subjugação, onde o modelo de beleza considerado correto era o modelo branco-europeu, nesse contexto, a mídia, a moda, a própria sociedade levou esse modelo como o padrão, o que influenciou decisivamente não apenas em tornar a pele branca e o cabelo lisos bem aceitos socialmente, como criou uma série de estereótipos para aqueles que não se encaixavam nesse modelo.

Nesse contexto, durante muito tempo a mulher negra conviveu com uma visão preconceituosa de sua estética, relacionada com a hiperssexualização de seu corpo e aos seus traços como cabelo e cor serem utilizadas para fazerem piadas e chacotas. O exótico, como bem se coloca, sempre predominou como um adjetivo pejorativo ao se falar da mulher negra, o que impediu com que a mesma pudesse construir uma imagem mais positiva de si. Logo na infância, a mulher negra se vê submetida a duros procedimentos para “assentar” seu cabelo crespo, provocando dores e incômodos, onde se evidencia que:

As experiências do negro em relação ao cabelo começam muito cedo. Mas engana-se quem pensa que tal processo inicia-se com o uso de produtos químicos ou com o alisamento do cabelo com pente ou ferro quente. As meninas negras, durante a infância, são submetidas a verdadeiros rituais de manipulação do cabelo, realizados pela mãe, tia, irmã mais velha ou pelo adulto mais próximo. As tranças são as primeiras técnicas utilizadas. Porém, nem sempre elas são eleitas pela então criança negra hoje, uma mulher adulta – como o penteado preferido da infância (GOMES, 2002, p. 43).

Dessa forma, torna-se importante compreender de que maneira meninas negras são inseridas nos ritos de modificação dos seus cabelos, considerando que o cabelo do homem/mulher negra se configura como “[...] o maior símbolo estético de estigma, sofrendo uma desvalorização evidente” (COUTINHO, 2010, p. 73). O cabelo crespo é frequentemente chamado, “cabelo ruim”, enquanto o, “cabelo bom” é europeizado, liso ou ondulado.

Dessa maneira, compreende-se como o cabelo tem um papel significativo na construção social das pessoas, não sendo apenas um mero elemento estético, podendo também carregar uma gama de vivências relacionadas com a maneira que o sujeito é aceito no meio social e também se aceita, considerando que como Gomes (2002, p. 81) reforça que “[...] a forma como o cabelo é tratado e manipulado, assim como a sua simbologia, diferem de cultura para cultura. Esse caráter universal e particular do cabelo atesta a sua importância como ícone identitário”.

O que importa assinalar, entretanto, é que uma vez formados e consolidados, os estereótipos se interpõem entre a percepção e a realidade, fazendo o indivíduo ver, em parte, ao invés de cada tipo, o estereótipo correspondente. Em relação ao negro, poder-se-ia dizer que o preconceito racial consiste, em certo sentido, num característico sistema de reações estereotipadas, mais ou menos integradas, que são adquiridas, por diversos modos, na vida social não no contato com o negro, mas através da assimilação das opiniões existentes sobre os negros (ABRAHÃO; SOARES, 2011, p. 270).

Cabe ressaltar que atualmente a mulher negra a cada dia está se descobrindo e tomando para si o termo “empoderamento”, usando de seus traços para enaltecer a beleza negra. Entretanto, mesmo em tempos sociais em que se fala na desconstrução de visões marginalizadas, principalmente sobre o racismo, é visível o quanto esta prática ainda se encontra enraizada em nossa sociedade.

Diante disso, surgiu a necessidade de entender, no município de Grajaú, a forma que a mulher negra passa por etapas de autoafirmação de sua beleza e como a mesma se utiliza desses instrumentos para o combate do preconceito em sua realidade.

Com isso, a pesquisa tem por problema: de que maneira a estética da mulher negra torna-se um instrumento de resistência ao racismo em Grajaú/MA? O trabalho foi realizado com base nas seguintes questões norteadoras: Qual a relação entre a estética da mulher negra e empoderamento? Quais os desafios e conquistas das mulheres negras que passam a utilizar o cabelo como prática de resistência? De que maneira a transição capilar influencia na autoestima da mulher negra?

O objetivo geral da pesquisa foi problematizar a estética da mulher negra como prática de resistência e empoderamento frente ao racismo em Grajaú/MA, já os específicos dizem respeito a entender a relação entre estética negra e empoderamento feminino; investigar os desafios enfrentados por mulheres negras que passaram a utilizar o cabelo como prática de resistência ao racismo e compreender os efeitos da transição capilar e sua influência na autoestima da mesma.

Em decorrência das experiências vividas no contexto pessoal e profissional, onde na infância vivenciou-se os preconceitos por ser uma menina negra com o cabelo crespo, convivendo na escola com apelidos extremamente preconceituosos e na adolescência, ter alisado o cabelo buscando uma melhor aceitação nos meios sociais como a escola e o ambiente de trabalho, todavia, ao adentrar na universidade e sofrer na pele o preconceito ao retornar com o cabelo crespo, principalmente ao transitar nas ruas de Grajaú e até mesmo na universidade, percebeu-se enquanto acadêmica negra uma emergência em estudar e entender como se agrega o preconceito racial em Grajaú e como a estética da mulher negra pode se tornar um importante mecanismo para combatê-la.

Cientificamente falando, evidencia-se a necessidade da realização de trabalhos que conceituem a estética da mulher negra como prática de resistência ao racismo, compreendendo as especificidades desse processo de auto-aceitação, que envolve não apenas o sentimento de “ser negra”, mas também a maneira como a mulher negra se posiciona no combate às opressões sofridas pela mesma. Compreende-se então que a universidade precisa cumprir seu papel social de lutar pelo respeito à diversidade e ao garantir com que a mulher negra seja valorizada não apenas pela sua estética, mas pela sua luta histórica para a promoção dos seus direitos, possibilita a construção de estratégias de resistências que passam a estar correlacionadas com a teoria e prática academicistas.

Contudo, isso só se tornará possível com a realização de mais trabalhos voltados para a estética negra como mecanismo de enfrentamento do preconceito racial, proporcionando um debate sobre o papel da educação para a minimização do racismo e como o cabelo e os demais traços que possam caracterizar a pessoa negra podem ser utilizados como promotores dessa ressignificação, podendo assim contribuir para um novo olhar sobre a atual onda de crespas que vem se tornando crescente dentro da sociedade e que não é um fenômeno da moda, como muitos vem colocando, mas são resultantes desse processo de empoderamento que vem tornando as mulheres negras como protagonistas de suas próprias trajetórias, podendo usar o cabelo que bem desejarem, pois a estética negra não impõe a utilização do cabelo crespo, mas da à liberdade e autonomia para que ela use o cabelo como bem desejar.

É nesse sentido, que a presente pesquisa possui a relevância de levantar uma discussão sobre a estética negra e seu papel de contribuir para uma diminuição do racismo, onde a mulher negra ao utilizar seu cabelo crespo, possa ser respeitada e ao mesmo tempo, poder contribuir para que outras mulheres que estejam passando pelo mesmo processo de

transição capilar possam definir práticas de resistência contra anos de abusos simbólicos e psicológicos relacionados com a cor e traços da mulher negra.

Dessa maneira, a importância social da presente pesquisa reside em trazer para o âmbito acadêmico um tema muito vivido, porém pouco problematizado na universidade, considerando que o racismo mesmo velado na sociedade, possui práticas e discursos bastante explícitos.

A monografia está organizada, além desta introdução, em um primeiro capítulo que visa historicizar o lugar da mulher negra na formação da sociedade brasileira, destacando suas lutas contra as opressões racistas. Haverá também dois capítulos que irão analisar os discursos e trajetórias de mulheres negras grajauenses neste cenário de resistência estética e política.

## 2 DA OPRESSÃO DA ESCRAVIDÃO À CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER NEGRA NO BRASIL

*"O escuro das cores, na pele afro-descendente,  
Herdeira das dores  
Nossa terra foi invadida, colonizadores  
Exploraram e destruíram nossos valores  
Mas nossa resistência vive e toca em tambores"<sup>1</sup>*

A escravidão no Brasil iniciou-se no século XVI, quando a partir da proibição da utilização da mão-de-obra indígena, passou-se a utilizar mão-de-obra escrava, oriunda de diferentes partes da África para o trabalho produtivo. Sankofa (1994) afirma que os portugueses alegavam que os indígenas não possuíam domínio as técnicas agrícolas e com isso, a escravidão negra foi vista como viável pelo fato de que os africanos não dominavam apenas a agricultura, mas conheciam a pecuária e se adaptaram melhor ao trabalho pesado, fazendo com que os mesmos atendessem às necessidades do colonizador europeu.

Vítimas do tráfico, os negros africanos eram transportados ilegalmente e de maneira desumana nos navios negreiros, muitos não sobreviviam por conta das péssimas condições que eram trazidos para serem vendidos para senhores de engenho e comerciantes. Sobre isso, evidencia-se que:

[...] uma das principais características dos negócios negreiros era o risco. Todas as etapas de circulação dos escravos, desde as trocas realizadas na esfera africana até aquelas que, efetuadas no Brasil, ensejavam o consumo final da mercadoria humana, enfrentavam enormes perigos, visto ter sido o cativo um bem altamente requerido e constantemente exposto à morte (FLORENTINO, 1997, p. 140).

Nesse contexto, um grande contingente de negros e negras foram escravizados e obrigados a abandonarem a sua terra, seus costumes, sua língua e ancestralidade. O processo de diáspora foi realizado de maneira forçada, não dando a esses sujeitos o direito de continuarem suas trajetórias nos seus locais de origem, no qual:

Depois da longa travessia atlântica e do desembarque em algum porto das grandes cidades do Brasil, ou em alguma praia deserta após a proibição, os africanos logo percebiam que sobreviver era o grande desafio que tinham pela frente. Dali por diante teriam que conviver com o trauma do desenraizamento das terras dos ancestrais e com a falta de amigos e parentes que deixaram do outro lado do Atlântico (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006, p. 66).

Ao se analisar o efeito nocivo da diáspora forçada dos povos africanos pelo mundo, destaca-se primordialmente que a perda da liberdade também traria a submissão incondicional aos seus compradores, onde “[...] negro/a escravizado era propriedade legal do

<sup>1</sup>Kamau, Rincon Sapiência e Thalma de Freitas. **Tambor** (2008).

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hTIm5g9yrzY&feature=youtu.be>. Acesso em: 10/03/2019.

senhor, por meio de leis do tráfico e depois para gerir o próprio sistema escravista, como mercadoria determinada pela condição de “coisa” (PEREIRA, 2012, p. 36). Ao ser colocado na categoria de “coisa”, seu passado era negligenciado e o que importava eram apenas os mandos e desmandos do seu senhor e sua força de trabalho que seria usada na lavoura.

O trabalho escravo era extremamente importante para a economia do país, pois através do trabalho escravo era extraído ouro e diamantes das minas, era realizado o plantio e colheita de cana, algodão, café, cacau e de outros produtos tropicais, além da agricultura de subsistência, criação de animais, ofícios manuais e serviços domésticos.

Os escravos atuavam ainda no transporte de objetos e pessoas, construções, distribuição de alimentos, e em vendas e quitandas nas pequenas e grandes cidades do país, os negros viviam em condições sub-humanas, sendo obrigados a trabalhar por horas até chegar à exaustão; normalmente se levantavam antes das seis horas da manhã (DAVIS, 2016), se reunindo no terreiro para receber as ordens das tarefas que iriam realizar durante o dia, em alguns engenhos ou casas, eram obrigados pelos senhores a fazerem uma oração matinal, impondo-lhes dessa forma, os costumes religiosos dos europeus.

Quando não obedeciam a seus senhores, sofriam severos castigos físicos, e em resistência aos abusos, foram adotadas algumas práticas de resistência: rebeliões coletivas ou individuais, incêndios, destruições de ferramentas, até mesmo práticas de suicídio (REIS; GOMES, 1996).

No que se referem às mulheres escravas, as mesmas trabalhavam não apenas como domésticas e “babás mães deleite”, mas também na lavoura. A mulher negra não era considerada “frágil” para trabalhar na lavoura, esse “privilegio” era destinado às mulheres brancas, dessa forma, a mulher negra era desprovida de gênero, era somente mão-de-obra. Afirma-se que:

[...] a escrava de cor criou para a mulher branca das casas grandes e das menores, condições de vida amena, fácil e da maior parte das vezes ociosa. Cozinhas, lavava, passava a ferro, esfregava de joelhos o chão das salas e dos quartos, cuidava dos filhos da senhora e satisfazia as exigências do senhor. Tinha seus próprios filhos, o dever e a fatal solidariedade de amparar seu companheiro, de sofrer com os outros escravos da senzala e do eito e de submeter-se aos castigos corporais que lhe eram, pessoalmente, destinados. (HAHNER, 1978, p. 120-121).

Diante dessa afirmativa, é possível compreender que além de desempenhar todo esse esforço na lavoura e nas demais funções, a opressão sofrida assemelhava à dos homens, mas com uma diferença: as mulheres negras sofriam abusos sexuais. Com isso, observa-se que a prática do estupro contra as mulheres negras não era apenas um aspecto da

impulsividade sexual dos homens brancos, mas também era uma forma de repressão, que subjogava a escrava e desmoralizava seu companheiro (DAVIS, 2016).

A mulher negra que tivesse algum comportamento “insolente” era punida com violência sexual, sendo que sua fertilidade era extremamente valiosa, haja vista que quanto mais filhos ela pudesse ter, mais valiosa era para o mercado escravista:

A exaltação ideológica da maternidade tão popular no século XIX não se estendia às crianças. Na verdade, aos olhos de seus proprietários, elas não eram realmente instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escravo (DAVIS, 2016, p. 19).

Seus filhos eram vendidos como animais, tudo em prol do lucro de seus senhores, o direito de ser mãe foi negado à mulher negra, o direito de procriar, não. As crianças eram tratadas como um “investimento sem retorno imediato”, pois apenas quando adquiriam idade ou tamanho suficiente, podiam realizar atividades mais pesadas, as que em geral, garantiam maiores lucros.

Ainda sobre os abusos sofridos pela mulher negra, se estabelece que havia a construção de relações sexuais que deixavam clara a estratificação das castas, ao mesmo tempo que enquanto mulheres negras eram objeto de disputa de homens brancos e negros, as mulheres brancas e negras eram concorrentes da atenção do homem branco (SAFFIOTI, 1976).

A mulher negra não convivia apenas com os abusos físicos e sexuais do senhor, também tinha que conviver com o ciúme da sua esposa do senhor de engenho, que em retaliação ao interesse que o mesmo tinha pela escrava, muitas vezes ordenava a mutilação dos seus membros como seios, vagina, dentes, boca, a fim de torná-la menos atraente.

Apesar do fim da escravidão, a mulher negra ainda é vista de maneira inferiorizada, como bem coloca Saffioti (1976), os preconceitos em certos momentos buscam satisfazer interesses de classes específicas e certas “qualidades” atribuídas aos demais grupos, como o da “negra ou mulata sensual”, são uma forma de naturalizar o histórico processo de exploração sofrido pela mulher negra.

É nesse contexto que a mulher negra ao ser subjogada, mutilada, ao perder contato com sua ancestralidade e seus descendentes, passa a negar a sua identidade. Sobre identidade é necessário compreender seu conceito, Castells (2010) entende que identidade é o processo de construção de significados através de atributos culturais que se inter-relacionam. Ciampa (2001, p. 33) por sua vez, destaca que “é o conjunto de das características e dos traços

próprios de um indivíduo ou de uma comunidade. Esses traços caracterizam o sujeito ou a coletividade perante os demais”.

No que concerne à identidade negra, essa é percebida como uma construção histórica, onde o “ser negro” não diz respeito à sua ancestralidade, mas aos traços fenotípicos (traços físicos, cabelo, cor da pele) que caracterizam um sujeito como negro ou não-negro marcas de uma sociedade racista e pelo mito da democracia racial. O mito da democracia racial traz um aspecto para além de sua desconstrução racial, o que faz com que, mesmo reconhecendo a existência do preconceito, no Brasil, a ideia de harmonia racial se imponha aos dados e à própria consciência da discriminação.

No Brasil, por muitos anos criou-se uma ideia de que o país vivia em uma harmonia racial, ou seja, que todos são iguais que tinham e usufruíam dos mesmos direitos, e que o racismo não existia. O país por ser miscigenado e ter uma grande diversidade étnica, criou-se a ideia que todos viviam bem, que somos todos iguais, criou-se essa ideia de que o país era democrático racialmente com o intuito de ter uma identidade nacional, com a mistura de raças e povos.

No entanto, o mito prevalece até os dias de hoje, porque essa harmonia total na prática não existe, sendo que ainda existe uma desigualdade social muito grande, direitos negados à população negra, continuam sendo a população menos favorecida, e que sofre simplesmente por ser negra, dessa forma não existe democracia racial no Brasil, o que existe é o preconceito velado. Problematiza-se então que:

Observamos que a larga miscigenação praticada como imperativo de nossa formação histórica, desde o início da colonização do Brasil, está se transformando, por inspiração e imposição das últimas conquistas da biologia, da antropologia e da sociologia, numa bem delineada doutrina de democracia racial, a servir de lição e modelo para outros povos de formação étnica complexa, conforme é o nosso caso (NASCIMENTO, 1968, p. 67).

Em outras palavras, a ideia de miscigenação tenta silenciar as opressões sofridas pelos negros quanto destaca que se “somos todos mestiços”, que não há racismo. E nesse sentido, ao mesmo tempo em que se buscava o combate ao racismo em prol da reconstrução de uma identidade negra, a mulher negra passou a reivindicar para si as mesmas condições de igualdade de gêneros que haviam sido promulgadas às mulheres brancas através do feminismo.

O Feminismo, criado para lutar pelos anseios de mulheres brancas que queriam ingressar no mercado de trabalho, bem como na garantia de direitos como o voto, passa a ser problematizado por aquelas que até então desempenhavam funções que não necessariamente

estavam ligadas ao gênero, mas que possuíam todo o peso sexual através de séculos de erotização e violência, cobrava-se então uma abordagem que fosse para além da questão de gênero, mas que também evidenciasse que uma mulher branca passa por processos socioculturais completamente diferentes de uma mulher negra, o que se agrava se essa mulher negra também for pobre, fazendo com que a mesma conviva constantemente com uma tripla desigualdade: gênero, raça e classe social.

Gonzales (1988) afirma que são inegáveis as contribuições do Feminismo para a luta e conquistas das mulheres, principalmente por mostrar as mazelas do patriarcado e suas formas materiais e simbólicas de opressão de gênero, porém, a questão racial ainda não foi devidamente debatida dentro do movimento. A autora ainda aponta que sem as mulheres negras, o Feminismo norte-americano ou mesmo o Movimento LGBT, por exemplo, não teriam se fortalecido. Nesse sentido, passa a se pensar novos mecanismos de valorização não apenas da identidade da mulher negra, mas de toda a sua trajetória a partir da década de 70, com o surgimento de figuras importantes como Angela Davis, por exemplo, o que provocou um importante rompimento com um feminismo que até então ainda se mantinha excludente e branco.

Atualmente, as mulheres negras vêm utilizando em especial, as redes sociais como uma ferramenta de combate à opressão racial e de gênero, todavia, é essencial que se destaque que a mulher negra convive com vários problemas. São 58,86% das mulheres vítimas de violência doméstica, segundo o balanço do Ligue 180 – Central de Atendimento à Mulher/2015, são 68,8% das mulheres mortas por agressão, de acordo com o diagnóstico dos homicídios no Brasil (Ministério da Justiça/2015), possuem duas vezes mais chances de serem assassinadas que as brancas, segundo o Diagnóstico dos homicídios no Brasil, do Ministério da Justiça/2015, além disso, entre 2003 e 2013, houve uma queda de 9,8% no total de homicídios de mulheres brancas, enquanto os homicídios de negras aumentaram 54,2%, de acordo com o Mapa da Violência 2015: Homicídio de Mulheres no Brasil.

Dessa forma, se observa que ainda são impostos muitos desafios para a sobrevivência da mulher negra, considerando que a mulher negra está sujeita não só a hiperssexualização e a objetivação de seu corpo, mas também sua vida é mais negligenciada pela sociedade e isso se confirma com os resultados apresentados acima.

## 2.1 Empoderamento e resistência: a mulher e a cultura afro

*“Enquanto mulheres convencionais lutam contra o machismo  
As negras duelam pra vencer o machismo, o preconceito, o racismo  
Lutam pra reverter o processo de aniquilação”<sup>2</sup>*

É evidente que historicamente a população negra foi, durante muito tempo, marginalizada e que o racismo trouxe um desenvolvimento desigual, impedindo com que essa população tivesse equidade de condições. Nesse sentido, vale ressaltar que as pessoas negras foram raptadas, escravizadas e forçadas a trabalhar em condições desumanas e após a abolição, as desigualdades continuaram presentes e as condições de justiça social e mudança de mentalidade ainda se encontram distantes de serem modificadas (PRESTES; VASCONCELOS, 2013).

Nesse aspecto, é essencial destacar alguns problemas psicossociais causados por décadas de opressão: desqualificação, preconceitos e discriminação causaram prejuízos como baixa autoestima, transtornos psiquiátricos; no âmbito financeiro, falta de oportunidades de ascensão, dificuldades da conquista de um emprego formal e de uma boa renda; no ponto de vista da saúde, mais chances de adoecimento e morte, serviços de saúde precarizados e com inúmeras situações de discriminação (PRESTES; VASCONCELLOS, 2013).

É nesse sentido que se constata a invisibilidade do povo negro a partir do racismo, as consequências são desastrosas e revelam que esse fator interfere na autoestima e na dignidade da população negra, isso se potencializa no caso das mulheres negras, onde as opressões possuem outras dimensões. Nesse aspecto, destaca-se que o racismo que surgiu há séculos, ainda precariza as condições de vida da população negra e quando atreladas ao sexismo, provocam inúmeros problemas para as mulheres negras (LOPES, 2008).

Na busca pela igualdade racial e de gênero, a mulher negra passa a desenvolver mecanismos ativistas para a sua atuação e a reconstrução da sua identidade e autoestima através do empoderamento, buscando melhores condições de vida e buscam também se tornarem protagonistas de suas trajetórias.

Partindo dessa busca em se reencontrar dentro de toda uma construção sócio-histórica que invisibilizou a mulher negra durante séculos, a resistência e a resiliência passam a nortear a superação das dores do passado, a busca pela autonomia social, intelectual e cultural. Essa autonomia é o processo final da busca pela garantia de direitos da mulher negra,

---

<sup>2</sup> Izalú. **Mulheres negras**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/yzalu/mulheres-negras/>. Acesso em: 10/02/2019.

sendo algo que tem toda uma carga de resistência e de reformulação da identidade, por isso mesmo que se analisa que através do rompimento de toda uma construção negativa em torno da mulher negra, se reestabelece o sentimento de orgulho pela sua cor e seus traços.

O rompimento faz com que o discurso imposto pelo racismo passa a ser colocado em dúvida, pois o mesmo cria normas para que a população negra seja tratada como inferiorizada, ao mesmo tempo em que se reforça que as pessoas vencem por mérito e as desigualdades são meramente sociais e não raciais. Diante disso, evidencia-se que as mulheres negras evidenciam e compreendem as violências que sofrem, mas há inúmeras barreiras que interferem numa construção mais positiva, porém, as ações de resistência acabam se tornando um mecanismo de posicionamento contra as opressões raciais sofridas. Nesse aspecto, é crucial a observação de que identidade negra é construída a partir de inúmeras situações, inclusive de opressões sofridas e a partir de movimentos como os das feministas afro-americanas, as experiências cotidianas passam a ser instrumentos de reafirmação de sua negritude e da busca por melhores condições de vida.

Dessa maneira, a resistência é vista como uma ferramenta que contribui para que a mulher negra desenvolva mecanismos de enfrentamento das múltiplas opressões sofridas, se posicionando de forma efetiva na promoção da igualdade de gênero e racial.

A prática de resistência se configura como um mecanismo de subversão e enfrentamento de um modelo de submissão preestabelecido, nesse contexto, a prática de resistência das mulheres negras se daria com a aceitação do cabelo crespo, tendo em vista que durante muito tempo, a sua estética foi silenciada em detrimento do padrão de cabelo liso e do embranquecimento da pele. Nesse sentido, é importante apontar ainda a importância do discurso, onde Foucault (1984) nos proporciona subsídios para tal apontamento, ao afirmar que:

Através de quais jogos de verdade o homem se dá seu ser próprio a pensar quando se percebe como louco, quando se olha como doente, quando reflete sobre si como ser vivo, ser falante e ser trabalhador, quando ele se julga e se pune enquanto criminoso? Através de quais jogos de verdade o ser humano se reconheceu como homem de desejo? (FOUCAULT, 1984, p. 13).

Os discursos têm esse poder de fazer com os sujeitos, de forma subjetiva, se rejeitem ou mesmo acredite em verdades que não condizem com suas reais condições, no contexto da temática, o discurso de hiperssexualização da mulher negra, o discurso de que a mulher negra é apenas uma mulata, reforça o sentimento de inferiorização e o não conhecimento de si, sobre isso, percebe-se que o discurso altera a “[...] a maneira pela qual o

sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo [...]” (FOUCAULT, 2000, p. 236).

Nesse sentido, ao se aceitar como mulher negra e crespa, o discurso de subjugação passa a ser combatido com práticas de resistência que dizem respeito a utilizar a estética como instrumento de combate ao racismo, além de proporcionar com que a mulher nessa condição de empoderamento, contribua para que outras mulheres também se apropriem desse discurso de aceitação e resistência.

A crítica aos saberes eurocentrados e o surgimento de perspectivas pós-coloniais aparece nesse contexto como um mecanismo para a construção dessa valorização da identidade, que impõe novos modos de se pensar o papel do negro nos mais diversos espaços, em especial no âmbito da construção do conhecimento, pois apesar do pós-colonialismo, não houve uma ruptura com alguns paradigmas anteriores, ou seja, os conflitos de poder e os regimes de opressão continuaram (BERNARDINO; GROSGOUEL, 2016).

O conceito de colonialidade do poder traz um aspecto interessante, pois o controle do Estado e das suas instituições, bem como da produção de saberes, reforçam que o racismo sempre esteve presente nas organizações socioeconômicas em escala mundial. O eurocentrismo foi crucial nesse processo, haja vista que durante muito tempo, as populações indígenas e africanas foram tratadas como primitivas, sem qualquer relevância nos seus saberes para a ciência, esse pensamento foi crucial para reforçar a inferioridade de determinadas minorias e também de estimular com que as mesmas fossem perseguidas, pois durante todo o período colonial, o corpo colonizado era o corpo do homem e da mulher negra, onde enquanto o primeiro era relacionado à mão de obra, a mulher negra colonizada era objeto de prazer e desejo (BERNARDINO; GROSGOUEL, 2016).

É essencial que se aponte esses aspectos para que valorizem as novas gerações de pesquisadores que refletem sobre o lugar do negro e da negra e os espaços a serem ocupados por seus saberes, dando visibilidades para as mais variadas populações, incentivando conhecimentos voltados para as questões de gênero, questões étnico-raciais, dentre outras questões que durante muito tempo, devido o pensamento eurocêntrico, foram negligenciados.

Nesse aspecto, observa-se que os livros didáticos, a mídia e outras ferramentas de informação, que outrora estiveram em benefício do pensamento eurocêntrico, passam a ser repensados a fim da construção de uma identidade mais positiva acerca da mulher negra, compreendendo que “assim, mais do que relacionados à questão feminina, os cabelos tem sido instrumento de transmissão de história e significados, imprimem costumes, crenças e até mesmo ideologias” (SANTOS, 2015, p. 13).

A escola tem um papel significativo para o surgimento de discursos preconceituosos e com teor racista, é importante perceber também que não apenas o discurso do opressor é influenciado, mas também do oprimido, que passa a negar das inúmeras maneiras possíveis a sua origem racial negra, seja preferindo ser chamado de moreninho/mulato, seja buscando se tornar branco, através de procedimentos que não se limitam apenas a alisar o cabelo, mas também de clarear a pele. Sobre essa questão da identidade negra, Gomes (2002) reforça ainda que experiência envolvendo o processo de construção da identidade e de alteridade se apresenta com maior intensidade no contexto família-escola, tendo em vista que na escola ocorre uma das primeiras situações em que alunos negros convivem com alunos não negros e é nesse sentido que deve se observar de que maneira a escola se posiciona quando as diferenças se tornam evidentes.

Diante disso, compreende-se a complexidade de se abordar a problemática, pois a mesma envolve também a subjetividade que a mulher negra vivencia durante toda a sua vida, a imagem que a sociedade construiu da mesma e a imagem que ela tenta construir de si a partir do empoderamento.

## **2.2 A estética da mulher negra e a opressão/resistência através do cabelo**

*“Orgulho preto, manas e manos  
Garfo no crespo, tamo se armando”<sup>3</sup>*

No âmbito da questão racial, a estética negra também entra nesse contexto da construção do discurso e da imagem de si, pois conforme Gomes (2002) destaca, a estética define o papel dos sujeitos e que posições ou lugares que estes ocupam ou não, quando se cria o discurso de que ao alisar o cabelo, a mulher negra vai ser bem aceita, demonstra-se a influência das relações de poder e dos discursos sobre aqueles que não se encaixam nesse perfil, condicionando os a situações de discriminação e constrangimentos diversos.

A identidade negra vem se tornado cada vez mais discutida, em especial a partir do movimento de valorização da estética da mulher negra, e na utilização do cabelo afro como um instrumento de resistência, tendo em vista toda uma construção onde o cabelo afro era visto como ruim. É importante reforçar que historicamente:

[...] Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas “só corpo, sem mente”. A utilização de corpos femininos negros na

---

<sup>3</sup>Rincon Sapiência. **A coisa ta preta** (2016).

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F5TTvHoLxEA&feature=youtu.be>. Acesso em: 10/03/2019.

escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as “mulheres desregradas” deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado (HOOKS, 1995, p. 469).

Enquanto os corpos das mulheres negras sempre foram tratados como objeto sexual, seus cabelos eram vistos de maneira bastante pejorativa, nesse sentido, destaca-se que o cabelo se apresenta como uma maneira de reafirmação da sua origem, ao mesmo tempo em que seus traços, descendentes de africanos, contribuem para uma formação ideológica.

Devemos ressaltar a construção da identidade a partir da mídia que é uma grande influenciadora da moda, onde os traços relacionados ao povo negro, como o cabelo crespo, são colocados para a sociedade como algo ruim, estimulando com que se imponha o consumo de uma estética branca (UEDA; MOURA, 2016).

Como bem colocado por Lody (2004), quando a pessoa negra assume seu cabelo de negro, ele também se assume na sociedade como tal, porém, há um amplo caminho de opressões quanto a isso, onde a mídia, a escola e as demais instituições, muitas vezes, através de práticas discriminatórias, esse resgate da identidade racial através do cabelo acaba se tornando um processo extremamente doloroso.

Alguns questionamentos são levados à tona: o que é identidade negra? O que é pertencimento étnico-racial? Como o indivíduo se vê, e como ele é visto por ela a partir da opção do estilo de cabelo adotado? Qual a influência da mídia na construção da identidade e aceitação das características físicas das meninas-mulheres afrodescendentes? (UEDA; MOURA, 2016).

Quando ingressam na vida escolar, essas situações se revertem em situações de racismo e discriminação, onde a aluna negra passa a ser ofendida com apelidos como *cabelo de Bombril*, *cabelo pixaim*, *nêga do cabelo duro*, *cabelo ruim* e uma série de adjetivos ofensivos que diminuem ainda mais sua autoestima. Tais situações atreladas com a omissão da escola para coibir tais práticas influenciam de maneira negativa o rendimento escolar e aumentam a evasão de crianças negras na escola.

Com isso o que se observa que a escola, ao adotar práticas pedagógicas que não combatam comportamentos discriminatórios por parte dos colegas de turma ou professores de alunos negros, reforça as discrepâncias socioculturais e também demonstra a dificuldade de se criar um ambiente escolar anti-racista. Gomes (2002) aponta que:

A maneira como a escola, assim como a nossa sociedade, veem o negro e a negra e emitem opiniões sobre o seu corpo, o seu cabelo e sua estética deixam marcas

profundas na vida desses sujeitos. Muitas vezes, só quando se distanciam da escola ou quando se deparam com outros espaços sociais em que a questão racial é tratada de maneira positiva é que esses sujeitos conseguem falar sobre essas experiências e emitir opiniões sobre temas tão delicados que tocam a sua subjetividade (GOMES, 2002, p. 43).

Na adolescência, ela se vê obrigada a alisar seu cabelo para poder agradar o rapaz que gosta ou mesmo para ser aceita no grupinho de amigos na escola, como se percebe, não há na escola uma preocupação em reforçar o respeito às diferenças, sejam elas étnico-raciais ou de gênero, o cabelo então se torna um estigma, onde quanto mais crespo ele for, mais mal cuidado ele é visto pelas pessoas. Mas essa exigência, muitas vezes, chega até essa família com um sentido muito diferente daquele atribuído pelas mães ao cuidarem dos seus filhos e filhas. Em alguns momentos, o cuidado dessas mães não consegue evitar que, mesmo estando arrumadas e penteadas, a criança negra não deixe de ser alvo das piadas e apelidos no ambiente escolar.

Na vida adulta, se perpetua o cabelo liso como padrão, dessa vez relacionado ao mercado de trabalho e para demais relações sociais, sobre isso se reforça que isso também tem a ver com uma tentativa de abandonar as velhas práticas de cuidado do cabelo negro que tanto causavam dores na infância, onde talvez esse seja um dos motivos pelos quais algumas dessas mulheres preferam adotar alisamentos e alongamentos na atualidade. “A sensação de ter o cabelo constantemente desembaraçado e de não precisar sofrer as pressões do pente ou os puxões para destrançar o cabelo” (GOMES, 2002, p. 43). Dessa maneira, compreende-se como o cabelo tem um papel significativo na construção social das pessoas, não sendo apenas um mero elemento estético, podendo também carregar uma gama de vivências relacionadas com a maneira que o sujeito é aceito no meio social e também se aceita.

No caso do cabelo crespo do negro, este sempre foi relacionado com a falta de cuidado com o cabelo, com feiura, deturpando a imagem do negro em detrimento do seu cabelo, pois a vivência demonstra que mesmo o negro possuindo o cabelo não-liso, ele é aceito como cacheado, mas quando crespo é marginalizado, ou seja, no negro o cabelo cacheado tem uma maior aceitação na sociedade, o cabelo crespo não. Um aspecto importante que Gomes (2002, p. 44) destaca é que “existem, em nossa sociedade, espaços sociais nos quais o negro transita desde criança, em que tais representações reforçam estereótipos e intensificam as experiências do negro com o seu cabelo e o seu corpo. Um deles é a escola”.

No âmbito dessa questão, é importante evidenciar de que forma a utilização do cabelo crespo para a mulher negra, se torna um mecanismo para diminuir esses discursos que inferiorizam a população negra, onde se percebe ainda que a escola deva se atentar a essa

problemática, levando não apenas a um debate sobre as relações de poder que são vivenciadas diariamente pela mulher negra, como também o próprio status que ela constrói ao começar a usar seus cabelos crespos naturais.

### 3 DESAFIOS E CONQUISTAS DAS MULHERES NEGRAS NO SEU PROCESSO DE TRANSIÇÃO

“Meu cabelo enrolado  
Todos querem imitar  
Eles estão baratinados  
Também querem enrolar”<sup>4</sup>

O presente capítulo evidencia de que forma as mulheres negras da pesquisa concebem suas vivências nos diferentes contextos que norteiam a transição capilar, compreendendo ainda em quais aspectos a aceitação do cabelo natural proporcionou o empoderamento e a autoafirmação de suas identidades étnico-raciais.

#### 3.1 A pesquisa

A pesquisa foi realizada na cidade de Grajaú-MA, localizada no centro sul maranhense. O município possui uma grande diversidade étnica, com uma quantidade significativa de aldeias indígenas e ainda um quilombo. De acordo com Alcântara (2015, p. 22) “a população de Grajaú está dividida da seguinte forma, 67,5% negros, esse número diz respeito a pardos e pretos, 25, 5% de brancos; e 7% de indígena”, já no Maranhão, segundo o Pnad<sup>5</sup> (2017) 80% da população é negra, contra 18,8% branca e menos de 1% de outros grupos étnico-raciais.

Mesmo a maioria da população de Grajaú se declarar em sua grande maioria parda e preta, ainda assim é uma cidade com um histórico de discriminação racial contra pretos, pardos e indígenas, o que foi perceptível a partir das conversas informais e entrevistas com as colaboradoras, que deixaram claro que é comum sofrerem discriminação em alguns ambientes de Grajaú, principalmente em grandes lojas que frequentam, são paradas diariamente e questionadas sobre seus cabelos e fora os insultos sofridos por pessoas desconhecidas que estão passando na rua.

---

<sup>4</sup> Sandra de Sá. **Olhos coloridos**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/sandra-de-sa/74666/>. Acesso em: 10/03/2019.

<sup>5</sup> Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.

Todas as seis mulheres entrevistadas<sup>6</sup>, são mulheres negras que estão passando ou já passaram pelo processo de transição capilar, são mulheres de diferentes idades, entre 16 anos a 42 anos.

Bianca é estudante, do ensino médio, faz o 3º ano em uma escola localizada no bairro Canoeiro e faz quatro anos que ela parou de alisar os cabelos.

Joice também é estudante do ensino médio, faz o 2º ano em uma escola do estado situada no centro da cidade.

Nilma é universitária esta fazendo o 8º período do curso de Licenciatura em Ciências Humanas-Geografia, tem um ano e meio que ela passou pelo processo de transição.

Mel é formada e atua como professora de Geografia, também fez o curso de Licenciatura em Ciências Humanas-Geografia na UFMA de Grajaú-MA, e tem seis anos que parou de usar chapinha.

Conceição é psicóloga e faz três anos que ela passou pela transição, iniciou no ano 2015 que foi o momento em que parou de trabalhar para estudar pra concursos.

E Dandara, que é cabeleireira, cursou só o ensino médio e tem um ano que passou pela transição.

### 3.1.1 Metodologia

A presente pesquisa foi realizada a partir de uma abordagem qualitativa, que se caracteriza da seguinte maneira:

A pesquisa qualitativa costuma ser direcionada e não busca enumerar ou medir eventos e, geralmente, não emprega instrumental estatístico para análise dos dados; seu foco de interesse é amplo e dela faz parte a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo. Nas pesquisas qualitativas, é frequente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir daí situe sua interpretação dos fenômenos estudados (GIOVINAZZO, 2001, p. 01).

A pesquisa teve o caráter exploratório, na perspectiva da proporcionar com que não apenas o pesquisador, mas o leitor se familiarize com o problema, nesse tipo de pesquisa, ocorre tanto o levantamento bibliográfico quanto a realização de entrevistas.

Nesse trabalho em específico, os procedimentos de pesquisa foram à pesquisa bibliográfica, a pesquisa bibliográfica se caracteriza como um trabalho que se baseia em um

---

<sup>6</sup> A fim de manter em sigilo a identidade das entrevistadas, as mesmas foram identificadas com nomes de personalidades negras do sexo feminino.

material bibliográfico já elaborado, advindo em especial de livros e artigos de cunho científico (GIL, 2008).

Também foi realizada uma pesquisa de campo, que de acordo com Gil (2008) busca se aprofundar com uma realidade específica, através de observação direta e de entrevistas com o objetivo de captar o máximo de informações necessárias para entender a realidade pesquisada.

Como instrumentos de coleta de dados, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas onde através do critério de amostragem simples, sobre as entrevistas semiestruturadas, estas têm como característica:

Questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

Foram sujeitos de pesquisa seis mulheres negras em processo de transição capilar para o cabelo crespo, a escolha se deu pelo critério de que as seis mulheres negras são crespas ou estão passando pelo processo de transição capilar.

### 3.2 Cabelo e suas representações

“Cabelo Raspadinho, estilo Ronaldinho  
Cabelo pintado ou V-O  
Cabelo embaraçado, encaracolado,  
Rastafari, Rock`nRoll”<sup>7</sup>

O cabelo é visto como manifestação de força e poder, por tanto é possível entender as divisões hierárquicas em determinadas sociedades, no homem visto como expressão de força, na mulher entendido como símbolo de feminilidade, desejo e sedução. Segundo Santos (2015, p. 9):

o cabelo tem ultrapassado a função biológica que é à de proteger o couro cabeludo contra radiações solares, passando a ter outras representações no meio social, assumindo além de seu significado estético, de sedução e vaidade também passa a ter significados sociais, culturais, religiosos e políticos.

Como se pode observar, o cabelo vai para além da importância biológica de proteção do couro cabeludo, mas traduz a existência de costumes e práticas sociais que relevam de que maneira este também evidenciava a inclusão ou segregação de determinados grupos. Ainda sobre as várias funções que o cabelo possui Nakano (2006, p. 1) salienta que:

---

<sup>7</sup> Chiclete com banana. **Cabelo raspadinho**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/chiclete-com-banana/45061/#>. Acesso em: 10/03/2019.

O pêlo consiste num anexo queratinoso que possui várias funções. Ele serve como proteção de várias áreas do nosso corpo (olhos, couro cabeludo, ouvido e nariz), proteção térmica durante períodos frios e adorno. O adorno pode ser uma expressão de personalidades, determinações de diferenças culturais e biológicas, indicação de status (em algumas sociedades primitivas) e obviamente, um valor psicológico. No ser humano devido ao processo evolutivo, os pelos não exercem nenhuma função vital. No entanto, do ponto de vista social, o cabelo (denominação dos pelos na região do couro cabeludo) é muito importante: reforçam a autoestima, enquadra o indivíduo num determinado grupo de pessoas, cultura ou etnia além do apelo estético (pois esta associada à juventude e beleza) e sexual.

Além do dos costumes e rituais, o cabelo também teve sua importância na história, nas lutas dos movimentos sociais, na década de 60, surgindo o movimento Black Power. “Esse movimento surgiu em 1960 como um movimento político e identitário, marcado pelo uso do cabelo natural em destaque, como enfrentamento da imposição da estética eurocêntrica, e pelo *slogam Black is beautiful*, ou seja, “negro é lindo” (COUTINHO, 2011, *apud*, SANTOS, 2015, p.13).

Ainda se tratando da importância desse movimento, Hooks (2005) afirma que foi nesse período em que os penteados afros, principalmente o Black, entraram na moda como um símbolo de resistência, à opressão racista, os penteados naturais eram associados à militância e luta do povo negro, também foi nessa época que os jovens pararam de alisar os cabelos como sinal de emancipação aos padrões eurocêntricos.

Para além das lutas, costumes e rituais, os cabelos estão também representados nos mitos, nas lendas, como por exemplo, no mito de Sansão, onde sua força estava nos cabelos e os cortá-lo ele perdeu sua força, na literatura infantil com o conto de Rapunzel. (SOUSA, 2009).

Nesse sentido, convém evidenciar que em todas essas narrativas, o cabelo padrão dos heróis e heroínas não é o cabelo crespo, no qual, “alicerçada na literatura europeia, as princesas delineadas na nossa literatura infantil são, em sua maioria, construídas nesse padrão europeu: brancas, de olhos azuis” (SALDANHA; SOUZA, 2016, p.2), trazendo uma importante reflexão sobre de que maneira a autoestima das crianças e adolescentes negras de cabelo crespo é afetada por um universo lúdico que não as contempla.

### 3.2.1 Transição e desafios

“Me diga o que você tem contra o meu cabelo crespo?”

ja fiz de tudo pra ficar bonito e você fica criticando”<sup>8</sup>

Acerca das mulheres que decidiram alisar os cabelos, as mesmas tomaram essa decisão em decorrência de não suportarem mais serem discriminadas, diminuídas e desvalorizadas por ser negras e terem o cabelo crespo.

Ao perguntar as entrevistadas com que idade elas realizaram o seu primeiro procedimento capilar a maioria responderam que:

Eu tinha uns onze anos quando eu alisei o meu cabelo pela primeira vez. (DANDARA, 42 anos).

Novinha! Com 10 anos de idade e aí eu sempre me sentir diferente das pessoas, aí eu sempre, foi um momento assim um pouco difícil porque eu sempre queria chamar atenção assim, porque era um pouco complicado pra mim. (JOICE, 16 anos).

Aos seis anos! (NILMA, 23 anos).

10 anos! (BIANCA, 17 anos).

Compreende-se que esses alisamentos são realizados muito cedo, ainda na infância, às vezes realizados pela própria mãe ou parente mais próximo. De acordo com Santos (2015, p. 3) “[...] As crianças ainda muito novas passam por tais mudanças muitas vezes com técnicas primitivas com exposição a componentes químicos, às vezes nocivos a saúde, em uma tentativa de se adequar a um padrão imposto pela sociedade, que na verdade deveria se adequar se a elas, respeitando as diferenças”.

No que diz respeito aos produtos químicos utilizados pelas entrevistadas, obtive as seguintes respostas.

É só chapinha, eu passava só chapinha, eu não usava química nele! (MEL, 26 anos). Já usei bastante alisante, bastante aplique de cabelo, alisante foi o que mais usei; alisante, selagem essas coisas tudo eu já usei, tinta pra pintar os brancos também. (DANDARA, 42 anos).

Usava alisante, usava selagem e a chapinha constantemente, assim eu não passava um dia todo dia eu tavalá retocando aquela coisa. (NILMA, 23 anos).

A maioria das entrevistadas diz ter usado produtos químicos para alisarem os cabelos, apenas Mel diz nunca ter usado química, fazia uso apenas da chapinha. Segundo King (2015), há dois tipos de alisamentos, separados em técnicas químicas e não químicas, os procedimentos químicos são os alisamentos por hidróxido de sódio, guanina, amônia, escovas progressiva ou definitiva, tendo como ingrediente o formol proibido no Brasil desde 2009. E as não químicas ferro de passar, pentes quentes, chapinhas e secadores.

O efeito do alisamento obtido pelas técnicas não químicas é bem mais rápido e com resultados considerados mais eficazes: As técnicas químicas tratam os cabelos

<sup>8</sup> Ricardinho. **Cabelo crespo**. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/ricardinho/cabelo-crespo.html>. Acesso em: 10/03/2019.

através do tempo: quanto mais produtos químicos forem aplicados, sempre respeitando uma frequência e disciplina, mas o couro cabeludo desenvolverá raízes lisas. Combinar, portanto, é bastante frequente para muitas é a melhor forma de manter os cabelos sempre lisos. (KING, 2015, p.3)

Também é muito comum o uso da chapinha com o auxílio dos procedimentos químicos, além de fazerem retoques na raiz constantemente esse processo é realizados nos salões de beleza por usarem químicas, também fazem uso da chapinha no dia a dia para manterem os cabelos sempre lisos e sem *frizz* e a chapinha tem um diferencial, pois a manutenção pode ser realizada em casa, e não precisa de auxílio e causa menos danos a estrutura do cabelo.

Ao serem questionadas sobre os motivos que levaram elas a alisarem os cabelos, obtive as seguintes respostas:

Minha motivação maior eu acho que é por causa dos meninos, acho que foi a motivação maior, não assim tá com 10 anos acho que mais por causa da minha mãe, mas ao longo do tempo, quando eu comecei a racionar melhor as coisas né, eu comecei a alisar mais. Porque assim eu não alisava tanto, eu alisava deixava, mas, depois eu comecei a alisar mesmo e aí foi por causa disso. (JOICE, 16anos).

Exatamente por eu ter esse ódio do cabelo, eu não gostava do cabelo era pelo fato, principalmente é o que há dez anos atrás, o cabelo crespo era tido como horroroso, feio mesmo e acho que todo mundo que tinha o cabelo crespo alisava o cabelo. (NILMA, 23 anos).

Tipo... Porque os meus colegas a maioria tinha cabelo liso e eu era a minoria que tinha o cabelo ruim e pelo fato de todo mundo dizer que meu cabelo era a prova de água, nega do cabelo duro, tipo assim... Aí eu queria ter o cabelo igual o das minhas colegas lisim, molim. (DANDARA, 42 anos).

A respeito dos motivos que levaram as entrevistadas a alisarem os cabelos, Joice fala que inicialmente foi por querer ser mais aceita pelos meninos, ao final da nossa entrevista disse ter dificuldade em se relacionar por conta do seu cabelo, a mesma também aponta a pressão sofrida por parte da família, principalmente da mãe.

Nilma evidencia que por ter ódio da textura de seus cabelos resolveu mudar, a mesma menciona a felicidade quando se viu de cabelos alisados. *Mas eu lembro assim, meu Deus do céu eu me achei linda de mais... Gente foi uma realização assim ter alisado o cabelo naquela época, eu lembro perfeitamente.* Logo em seguida, Dandara diz que os motivos que a levaram a mudar os cabelos, justamente porque ela era minoria que tinha cabelos crespos, e todas as suas colegas tinha cabelo “*lisim*” e “*molim*”, e ela queria estar parecida com suas colegas, dentro do padrão vigente.

Souza (2009) aponta que o cuidado com a imagem pessoal está intimamente relacionado com a autoimagem, significando ainda que a partir de um cuidado com a aparência, são possibilitadas algumas conquistas, como um novo namorado ou um novo

emprego, há ainda a busca pela aceitação, que também dialoga com a mudança do visual, no caso em específico, com o alisamento dos cabelos crespos.

Ao alisarem os cabelos a maioria das entrevistadas disse que a forma como eram tratadas mudou, agora em vez de serem chamadas de cabelo “ruim”, recebiam elogios das pessoas por estarem com cabelos lisos, e ao perceberem essa mudança tão grande, só reforçou a ideia de que elas deveriam está com eles sempre alisados e “arrumados”, por isso a decisão de parar de alisar os cabelos, se da na maioria das vezes na fase adulta, mas não deixa de ser uma decisão difícil, pois ao fazerem isso sabem que iram enfrentar diversos desafios. E nas falas das colaboradoras podemos ver a mudança de tratamento:

Com certeza, as pessoas sempre diziam: poxa quando tu tá de cabelo liso, tu fica mais bonita, entendeu, rsrs as pessoas diziam sempre. (MEL, 24 anos).

Não assim começaram a me elogiar, me chamaram até uma vez de boneca. (JOICE, 16 anos)

Urum... Fui elogiadíssima... Nossa! Acho que nunca tive tão bonita! (NILMA, 23 anos).

Sim as pessoas diziam que eu tinha ficado mais bonita, que tava melhor, que cabelo liso que era a coisa, que cabelo que é o charme, que a beleza da mulher tá no cabelo querendo dizer, se tiver o cabelo crespo ruim que não seja nós não temos beleza, que a beleza tá no cabelo e aí hoje eu não concordo com isso né, a beleza do ser humano não é no cabelo, mas naquele tempo eu entendia que era e aí eu queria tabonita. (DANDARA, 42 anos).

Todas as entrevistadas concordaram que foram tratadas de forma diferente, receberam diversos elogios por causa da mudança realizada em seus cabelos, agora que estavam mais próximas do padrão considerado bonito, estavam se sentindo belas e se sentiram mais aceitas pelas demais pessoas, com a mudança seria comum receber elogios, as ofensas sofridas por conta do cabelo crespo ficariam para traz e seria só uma lembrança do passado.

Mas com o crescente movimento promovido pelas mídias sociais e a luta dos movimentos negros, para que as mulheres negras possam assumir seu cabelo crespo sem medo, porque o uso do cabelo crespo é sinônimo de valorização da ancestralidade negra, que elas não teriam mais que se enquadrar a certos padrões para serem consideradas mulheres belas, diante disso varias mulheres de diferentes idades decidem passar pelo processo de transição. Segundo Santos (2009) *apud* Santos (2018, p. 23):

atenta para a utilização do termo “Movimentos Negros”, no plural, na medida em que foram múltiplas e diversas as mobilizações em torno da temática racial, ao longo da história brasileira. Estas organizações apresentaram formas peculiares e enfoques diferenciados para denunciar as desigualdades raciais, questionar as relações e o padrão vigentes; além de reivindicar mudanças.

O processo de transição capilar é entendido como um processo de retirar todo e qualquer resquício da química, no qual as mulheres deixam de alisar o cabelo para assumir seu cabelo natural:

A transição capilar pode ser entendida como um ritual de transformação, não somente estético; mas também de consciência. Tendo em vista que o cabelo crespo revela a marca da ancestralidade negra, substituir alisamentos capilares pelo volume e pela textura do cabelo crespo representa o rompimento com referenciais estéticos e a valorização da própria origem étnica. (SANTOS, 2018, p.11)

Ao serem perguntadas como foi o processo de transição capilar, a maioria das entrevistas respondeu que:

Foi um processo extremamente difícil! Primeiro porque eu não sabia como era o meu cabelo eu não sabia como o meu cabelo ia ficar então começou a ficar uma coisa diferente que nada dava jeito no cabelo, não tinha o que fazer com aquele cabelo ali. Aquela transição assim eu acho uma coisa mais difícil de passar porque principalmente quando você vai trabalhar porque você não sabe que cabelo é aquele que ta na sua cabeça, você não entende mais aquilo ali, e aí começa a quebrar e eu mesmo cortei o meu cabelo, eu quis fazer aquele big chop, que era e eu não tinha coragem de fazer e fique melhor fazer pro cabelo então sai pesquisando tudo, tudo que poderia e vendo como era, e comecei a eu, enrolar os cabelos no cabelo alisado como as pessoas fazem. Toda maneira possível, diferente com canudo com não mais o que... Pro cabelo ficar e eu comecei a achar um máximo aquele cabelo alisado todo enrolado. Então eu vejo as fotos hoje e fico: meu Deus, que cabelo era aquele, que eu mesmo fazia então demorava um século, porque mesmo tinha que fazer o cacho, então foi muito difícil, mas, quando eu descobrir o meu cabelo mesmo foi uma transformação na minha vida. (CONCEIÇÃO, 38 anos).

Foi pelo fato de como eu falei... Quando eu entrei na universidade que foi um véu que saiu dos meus olhos eu conheci um outro mundo, então foi essa ideia que eu desconstruir que eu tinha de que o cabelo crespo era feio, e dessa, pra desconstruir tanto de mim como ate de outras pessoas mesmo, como uma forma de... Através de mim outras pessoas também eu tive essa noção a partir da universidade que a minha existência é refletem na vida de outras pessoas e eu me aceitar seria enfim. (NILMA, 23 anos).

Pois é eu cortei bem curtinho né quase machim mesmo, e aí fui enrolando ,recebi muitas críticas, usei muito turbante pra poder disfarçar enquanto ele crescia mais um pouco e aí foi normal não foi tão constrangedor não, normal hoje em dia totranqüila. (DANDARA, 42 anos).

Com relação à decisão de deixar de alisar os cabelos e passar pela transição, as entrevistas informaram que não foi uma escolha fácil, haja vista que as mesmas estavam com receio de como seria a textura de seus cabelos, por alisarem os cabelos desde muito cedo, elas não tinham noção de como o cabelo era e nem de como ele iria ficar depois da transição. Duas das entrevistadas disseram ter feito big chop<sup>9</sup> que consiste no ato de cortar os cabelos lisos e deixar somente o cabelo crespo.

---

<sup>9</sup> Big Chop expressão em inglês que significa “grande corte”, ato de tirar toda a química do cabelo, sendo esta uma etapa muito importante no processo de transição capilar.

Além disso, Nilma declarou a importância da universidade para que ela viesse a aceitar seu cabelo crespo, por meio do ingresso na universidade que a mesma veio a desconstruir a imagem negativa que tinha do negro e dos traços, só então ela decidiu passar pela transição e aceitar seu cabelo. Segundo Santos (2015, p. 6) :

Observa-se nos últimos anos uma tendência cada vez mais estruturada das mulheres no sentido de não aceitarem mais terem seus cabelos alterados pelo alisamento e muitas, que já se submeteram a alteração química optam por retornar ao cabelo natural, passando pela “transição capilar”, processo de importância na decisão se usar os cabelos naturais.

Ao perguntar sobre os desafios enfrentados no processo de transição capilar, a maioria das entrevistadas relatou:

Tipo assim no começo ele começou a ficar alto normal, ai logo em seguida eu já coloquei as tranças ai fiquei três meses com a trança, só que ai a trança eu sentia que ainda não era eu com aquelas tranças entendeu?!! Era bonito, todo mundo achava bonito sabe, mas, eu me sentia que não, isso aqui tem que tirar, e ai quando eu tirei, foi quando tava liso e dentro tava crespo ne ai ficava aquela coisa bem altona. (JOICE 16 anos).

Maior desafio, eu acho que o medo de não saber como ele ia ficar depois ou você não achar a maneira de seu cabelo ficar legal na transição eu acho que foi mais ou menos isso porque quando eu faço a transição foi um momento de virada na minha vida eu larguei o meu emprego que eu to trabalhando e vou pra casa dizer que vou estudar pra concurso agora pra passar num concurso, então foi um momento que eu virei tudo, foi um momento que eu pude fazer a transição sem ter responsabilidade, ficava la estudando e deixava meu cabelo pirando na dele ate ele se encontrar. (CONCEIÇÃO 38 anos).

Principais desafios ne... É o que eu mais tive dificuldade foi de lidar com as duas texturas, cabelo liso cabelo cacheado porque fica... É terrível, é terrível acho que a fase que a gente mais pensa em desistir é nessa fase. Porque aquelas duas texturas é terrível não é nem uma coisa e nem outra fica assim um fuar. (NILMA, 23 anos).

Com estes relatos percebe-se que os maiores desafios enfrentados pelas colaboradoras é a dificuldade de lidar com as duas texturas do cabelo crespo no momento da transição, pois:

Durante a transição, há uma diferença de texturas capilares entre uma parte do cabelo em crescimento, “natural”, e o cabelo alisado. Esta pode ser também uma forma de marcar o processo de mudança e redescobrimto da textura “natural” do cabelo. Tendo em vista que o alisamento dos fios é realizado durante muito tempo da vida, é comum o relato de mulheres, em transição, que não conheciam o próprio cabelo. (SANTOS, 2018, p.71).

Por se tratar de um momento de mudança na vida dessas mulheres que não diz respeito somente a estética capilar, mas é uma etapa de aceitação e valorização de seus cabelos na forma natural, de romper com padrões e reconhecer nos seus cabelos a sua ancestralidade e o seu pertencimento racial.

### 3.2.2 Química e cabelo

“Já alisei, queimei minha cabeça toda o meu cabelo está caindo e você vem pesar na minha”<sup>10</sup>

As mulheres negras ao longo da história, sempre foram vistas e tratadas como inferiores por conta de sua cor e cabelo, vítimas da ignorância, do preconceito e da discriminação, e por não suportarem mais serem tratadas desta forma, buscam nos procedimentos químicos, nas manipulações capilares uma forma de serem aceitas, no mercado de trabalho, na escola, na família, ou até mesmo pra ter o direito de andar nas ruas sem serem xingadas. Ao decidirem alisar os cabelos, mesmo sabendo que a química pode danificar seus cabelos e causar danos, a vontade de ser aceita e respeitada é maior, ultrapassando qualquer medo.

Ao perguntar às colaboradoras sobre os efeitos da química em seus cabelos, tivemos as seguintes respostas:

E feriu a minha cabeça e minha mãe dizendo tem que fazer de novo. Eu não vou fazer isso ta acabando comigo e ai pra não fazer isso não colocar mais produtos químicos no meu cabelo, pra porque eu queria ver com que ele era mesmo de verdade, porque tem uma cultura de ta com o cabelo natural hoje é legal tem isso também e então foi ou menos isso. (CONCEIÇÃO, 38 anos).

Ficou bastante elástico, quebrava muito no começo não dava nem pra amarrar, caiu bastante. (BIANCA, 17 anos).

Eu achei que sim, eu achei que eu ia ficar careca do tanto de cabelo que caiu. Eu já tava era com medo, eu mãe eu vou alisar de novo que esse negocio na ta certo não, caindo desse jeito. (BIANCA, 17 anos).

Porque toda vez que eu alisava tinha esses constrangimentos as vezes feria, caia muito e também porque fede muito os produtos ne, e doía muito quando eu tava fazendo esses procedimentos, doía o casco da minha cabeça e também eu vi que não mudava nada minha personalidade, a minha beleza não tava no meu cabelo. E vendo todo mundo se assumindo e eu peguei... Eu vou me assumir também. (DANDARA, 42 anos).

Quando narraram sobre os efeitos da química em seus cabelos, no momento da nossa conversa, deixaram transparecer certa tristeza em suas falas, por conta do que havia acontecido com seus cabelos. Conceição em sua fala, diz que seu couro cabeludo feriu por conta da química usada, e que a partir desse ocorrido, ela então decidiu parar com os procedimentos, mas que sua mãe não concordou com a decisão tomada por ela. Já em Bianca, o problema foi diferente, a mesma teve receio em ficar careca, por conta de seu cabelo ter ficado elástico e ter caído muito. Dandara relata em seu depoimento, que seu couro cabeludo feriu e que seu cabelo caiu muito, e isso causava nela muito constrangimento, a mesma

<sup>10</sup> Ricardinho. **Cabelo crespo**. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/ricardinho/cabelo-crespo.html>. Acesso em: 10/03/2019.

também diz que os produtos utilizados por ela têm um cheiro muito forte, causando assim muito incomodo na hora realizar as manipulações capilares.

De acordo com Santos (2015) São processos, em via de regra, dolorosos, causam cortes químicos nos fios capilares e alguns apresentam sérios riscos à saúde, como o formol, por exemplo, que foi proibido no Brasil desde 2009 devido a problemas respiratórios e doenças crônicas causados pelo mesmo, ele pode ser encontrado ainda hoje em tratamentos para alisamentos do cabelo, mesmo ilegal e estando ligado a doenças como o câncer. (SANTOS, 2015, p.18)

As mulheres colaboradoras tiveram dificuldades em se aceitar e valorizar a sua negritude, de reconhecer sua identidade enquanto mulheres negras negavam a sua negritude de todas as formas. Na infância teve que decidir se alisava ou não os cabelos, por se sentirem desrespeitadas, por serem tratada de forma inferior, e por não aguentarem mais tanto preconceito e discriminação, decidem então alisarem os cabelos, passaram a ter ódio e vergonha de sua aparência, por conta de padrões que foram impostos e que desde muito cedo tiveram que aprender que para serem aceitas, respeitadas, valorizadas e amadas teriam que ser parecida com mulheres brancas, próxima do padrão eurocêntrico, que ser branco de cabelos lisos lhe traria oportunidades, mas como não poderiam mudar a cor de sua pele, o meio de está mais próxima disso seria através dos alisamentos capilares.

E ao longo de todo um processo de aceitação e transição capilar, tiveram que enfrentar diversos desafios, no momento que decidiram alisar os cabelos ainda na infância, com procedimentos caseiros, ou com produtos químicos fortes que até poderiam prejudicar sua saúde. Ou quando resolveram parar de alisar seus cabelos, e enfim passaram a aceitar os mesmo, mesmo sabendo que seria um processo difícil, que teriam que lidar com diferentes texturas do cabelo, por não saber como ele iria ficar, e que voltaria a ouvir piadas e deboches. No momento em que tiveram que lidar com os efeitos da química, que viram seus cabelos cair, seu couro cabelo ferir, superaram todas essas dificuldades, e que o fato de aceitarem seus cabelos influencia diretamente na sua autoestima.

Ao perguntar se a aceitação do seu cabelo influenciou de forma positiva ou negativa na sua identidade, tive as seguintes respostas:

Não, de forma negativa não, eu não me sentia mal em tal, me libertando soltando meu cabelo, pelo contrario eu me sentia livre entendeu, eu passei a cuidar mais de mim devido a isso, é realmente isso não mudou deu soltar meu cabelo deu libertar ele deixar ele como ele é foi uma sensação de libertação entendeu, uma sensação de libertação. (MEL, 24 anos).

Eu acho que os pontos positivos, porque muitas pessoas se espelham em mim isso é o mais legal, são crianças. Um dia uma mãe me parou e falou assim olha eu queria que uma dia minha filha te visse porque na escola as crianças não gosta de brincar com ela, porque os pais falam para as crianças que ela tem piolho. Ai é um pouco forte pra mim entendeu, ai vendo tipo assim que as crianças ate os pais mesmos

começam a ver isso. Agora os negativos são os que afetam a mim mesmo ne, que pra mim foi positiva, pois eu fiquei, ficou a minha identidade real porque a identidade não era a minha, era fake, pois aquele cabelo era meu cabelo, mas não tava todo natural pra mim dizer esse cabelo é meu natural. (BIANCA, 16 anos).

Acho que foi importante, foi essencial assim também, aceitar o meu cabelo porque faz parte da minha identidade enquanto mulher negra o cabelo crespo. (NILMA, 23 anos).

Todas as entrevistadas, em seus depoimentos disseram que a mudança no cabelo influenciou de forma positiva, além de ter ser um ato de coragem, foi libertador, libertador no sentido de não estarem presas a padrões, influenciou diretamente na sua identidade étnico racial. Segundo Oliveira (2015, p.20 *apud* GOMES), “o cabelo é um elemento que compõe o complexo processo identitário. Dessa forma, podemos afirmar que a identidade negra, enquanto uma construção social é materializada, corporificada”.

Ao perguntar as colaboradoras se elas sofriam pressão para retornar aos cabelos alisados, apenas duas mulheres responderam que sim, que se sentiram coagidas a retornarem a fazer os procedimentos químicos.

Assim não exatamente diretamente, uma vez um menino falou assim pra mim é, eu botei a minha trajetória, eu sempre gosto de botar a minha trajetória no whats, o cabelo liso e crespo, e uma vez ele me falou ah tu era mais bonitinha, ah sim claro que ele não me colocou uma pressão, mas, eu me sentir um pouco pressionada, não sei se eu conseguir associar bem, mas eu me sentir um pouco pressionada sim. (JOICE, 16 anos).

Assim tipo tem alguém que fala mulher é tu ta doida é, agora vai ficar esse cabelo esse negocio não tem nada ver, não combina contigo não, pela tua idade, pela tua profissão, era melhor quando eu cabelo tava liso tu fica melhor, tem sempre aquele comentários ne a opinião das pessoas, outras chega e diz ta ótimo, ta maravilhosos to gostando mais tu dessa maneira e as vezes eu fico assim querendo voltar atrás ai depois eu digo não, não o negocio é esse é por aqui mesmo, to satisfeita e vou ate o fim agora. (DANDARA, 42 anos).

Sim! Às vezes como eu te falei essas amigas mais próximas ne... Diz não mulher pelo o amor de Deus tira esse cabelo, alisa, alisa e também la na igreja ne, tem sempre as pessoas que falam não eu gosto mais de cabelo chapado, eu gosto mais de tu quando tu usava o cabelo alisado, tu ficava mais bonita, tem sempre essa troca de opinião sempre alguém que chega pra ti e diga... Não mulher pelo o amor de Deus tu é ate bonita, mas com esse cabelo ai sempre fala do cabelo, o cabelo sempre ta sendo botado ali na questão, mas isso ai é comentário a gente. (DANDARA, 42 anos).

As entrevistadas disseram que se sentiram pressionadas a retornarem aos cabelos lisos, essa pressão parte principalmente de amigos e familiares. Evidencio a fala de Dandara, pois a mesma afirma que sofre pressão por parte das amigas e das irmãs da igreja, que a mesma ficava mais bela com os cabelos lisos, e pela profissão de cabelereira a mesma devia se portar com tal, a mesma também aponta sobre os questionamentos de sua idade, em decorrência de que para mulheres mais velhas, existem maiores desafios no processo de aceitação do cabelo natural, principalmente considerando que conviveram mais tempo com a discriminação racial, muitas vezes diretamente ligada ao cabelo, diferente das mulheres negras de menor faixa

etária e que tiveram acesso a uma infinidade de referências e informações acerca do cabelo crespo.

### 3.3.3 Cabelo e amor

“Amar uma mulher negra é um ato essencialmente revolucionário”<sup>11</sup>

Ao final de cada entrevista, sempre perguntava às colaboradoras se tinham algo para falar ou perguntar, além das perguntas que já tinham sido feitas, mesmo seguindo o roteiro de perguntas que havia preparado sempre surgem questões que não foram planejadas. E surgiram questões surpreendentes que tratavam não só da aparência, mas de sentimentos. As entrevistadas mencionaram na entrevista uma relação conflituosa com os homens.

Não, eu não namoro! Na verdade depois que eu voltei com meu cabelo crespo, de certa forma eles se afastaram de mim e eu me afastei deles. (tímida). (JOICE, 16 anos)

Agora eu te digo mesmo ser negra nesse país, ser negra e ser pobre aí a gente, o negro não pode nada, ele não pode ser bonito, negro não pode ter carro, negro não pode ter um marido branco, e eu tenho marido branco não é porque eu quis não, é porque o diabo dos negos nenhum me quiseram, eu era apaixonada por um nego, não qualquer nego, não sei o que é isso. A paixão da minha foi um crioulo, a coisa mais linda do mundo, mas não me quis não, oh mais beleza, que me quis Deus me livre, não me queria de jeito nenhum. O nego é o primeiro preconceituoso contra o próprio negro, ah não ,eu não quero que meus filhos nasçam pra sofrer o mesmo tipo de preconceito que eu, não quero que meu filho nasça com o cabelo igual ao meu, é sempre assim sempre se preocupando com o que o povo vão falar. Eu sei mesmo que Deus sabe que eu casei com um branco porque eu não achei um preto, eu acho tão lindo a minha mãe mais o meu pai, todos os dois pretim, todos os dois velim, mulher eu sou apaixonada por eles, todos os neguim, aí tu ver o negro na hora que ele arruma uma coisinha, na hora que ele tem um dinheirim, na hora que ele tem uma coisinha a primeira coisa que ele caça é uma loirona, uma bonitona. Tudo é uma loira, tudo é uma mulher que manda, é montar as bixas todinha que parece não, nem ser gente de linda, e aí da onde que vem o preconceito? (DANDARA, 42 anos).

Joice ao se referir a sua vida amorosa, deixou transparecer certa timidez, quando afirmou que depois que ela assumiu seus cabelos crespos, a mesma se encontrava com dificuldade para se relacionar, ela sentiu que os meninos haviam se afastado dela por conta da sua mudança. Destaco a fala de Dandara, pois a mesma acredita que os homens negros são os primeiros a ter preconceito com a sua cor, já que os mesmos não se relacionam com mulheres negras, com receio de que os filhos nasçam pretos. Segundo Sousa (2008, p.70 *apud* BERQUÓ, 1998), a miscigenação vem sendo realizada muito mais pela preferência afetiva de

<sup>11</sup> Fernanda Rodrigues de Figueiredo. **Você amaria uma negra?**.

Disponível em: <https://www.geledes.org.br/voce-amar-uma-negra/>. Acesso em: 10/03/2019.

homens negros por mulheres brancas, desse modo as mulheres negras (pardas e pretas) são menos preferidas para uma união afetiva estável.

Todavia Frantz Fanon (2008), no livro “Pele Negra, Mascaras Brancas”, aponta que tanto homens quanto mulheres buscavam se envolver amorosamente com parceiros/parceiras branco (a)s.

Dessa forma, Pires (2015, p.143) salienta que:

Não estou aqui para afirmar se os homens negros preferem ou não as mulheres brancas, assim como cabe salientar que eles possuem a sua liberdade de escola e, além disso, é impossível falar em um absolutismo negro em um país que é e sempre foi miscigenado. No entanto é notável o fato de que muitos homens negros principalmente os que acenderam socialmente preferiram mulheres brancas, e de acordo com Sousa (2008) é mais fácil encontrar um homem negro com mulher branca do que contrário. (PIRES, 2015 p.143).

O que envolve esse processo de miscigenação vai além de uma “questão de gosto”, mas está intrinsecamente relacionada com toda uma estrutura que coloca o casamento interracial como uma possível minimização do racismo, tais questões são bastante complexas e revelam em especial, que a população afrobrasileira passou com notórios processos de negação da sua identidade e que o alisamento dos cabelos ou as relações amorosas miscigenadas foram consequências dessa problemática.

### 3.3A resistência por parte da família e de outras instituições em acolher a mulher negra

“O que ela fez com o cabelo dela?  
Eu não sei isso parece loucura  
Eu gostei disso.  
Eu podia fazer isso.  
Eu não iria tão longe.”<sup>12</sup>

Segundo Gomes (2003), a escola é uma instituição formadora, que repassava conhecimentos escolares como, também sociais e culturais.

[...] a escola é vista como um ambiente de construção e reprodução das práticas sociais, ou seja, o racismo é uma prática social e a escola faz a manutenção da mesma, portanto, se a escola constrói, reproduz práticas que podem prejudicar o desenvolvimento dos alunos negros em processo de formação, da mesma forma ela pode também ser um espaço de construção de uma imagem positiva dos estudantes negro e negra. (OLIVEIRA, 2015, p.15).

A escola é um dos primeiros locais onde a criança negra vivencia situações de preconceito e discriminação, principalmente por conta da cor da pele e dos cabelos crespos,

<sup>12</sup> Akon; India Arie. **I'mNotMyHair**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/akon/782169/traducao.html>. Acesso em: 10/03/2019.

que são características do corpo que são mais visíveis. É nesse ambiente que as meninas negras começam a ouvir que seus cabelos são feios. Diante disso, a criança negra passa a construir uma imagem negativa de seu corpo, principalmente do cabelo e da sua cor, e para que ela se seja aceita ela deve mudar sua aparência, onde inicia-se uma busca para acentuar os seus traços negroides.

Neste caso, as meninas negras começam a manipular os cabelos com produtos químicos muito cedo, buscando ser mais aceitas pelos colegas, aceitas em grupo na escola, e por não suportarem mais o preconceito vivido no ambiente escolar. Segundo Gomes (2002, p. 40), “a instituição escolar é vista como um espaço em que aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares, mas também valores, crenças, hábitos e preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade”.

Ao perguntar às colaboradoras como era o convívio na escola, a maioria respondeu que eram discriminadas na escola:

Difícil pelo lado preconceituoso que teve, não vou mentir dizendo que não teve, porque teve me intimidava de alguma forma porque era há cabelo de Bombril, cabelo ruim era esse tipo de brincadeira e era difícil por essa parte entendeu, eu via as meninas lá com o cabelo liso solto e tal, e eu é na minha visão enquanto criança eu achava que não podia soltar o meu cabelo entendeu, porque meu cabelo era diferente, eu pensava dessa forma. (MEL, 24 anos).

Assim era um pouco estranho, assim eu sempre estudei em escola particular eu era, em todas que eu era a menina mais negra que tinha, se eu não me engano tinha alguns homens, só que assim eu sentia que os homens não se abalava muito ne. E aí era um pouco estranho é como se eu fosse à diferente, sempre como se eu fosse diferente ali dentro. (JOICE, 16 anos).

Sim! Já sofri muito igual eu te falei quando eu fazia o primário ne, o ensino fundamental, eu sofria muito com os colegas que naquele tempo como era no interior e era normal as pessoas ter preconceito, hoje as pessoas evita mais por causa dessas leis, mas antigamente as pessoas era escancaradamente fazia graça o preconceito era graça, agora não que as pessoas se limita mais um pouquinho de falar, devido ter essas leis, mas isso aí a gente tira de letra, lembra por que a gente lembra, mas não causou nada de que me impedisse de ser a pessoas que eu sou hoje não. (DANDARA, 42 anos).

A respeito da convivência no ambiente escolar, a maioria das entrevistadas relatou sofrerem discriminação por conta dos seus traços, principalmente por conta do cabelo crespo, por serem visto como “ruim” e “mal cuidados”, o cabelo crespo por ter um aspecto de seco e por ser mais volumoso, cria-se uma ideia de que ele não é cuidado devidamente, como também mulheres que possuem esse tipo de cabelo sofrem com apelidos depreciativos, como por exemplo, cabelo de “Bombril” citada pela entrevistada. Evidencio a fala de Joice, pois a mesma é negra e estudava em uma escola particular, onde a maioria dos alunos eram brancos, ela e se sentia diferente das demais pessoas. Segundo Gomes (2002),

São, talvez, as primeiras experiências públicas de rejeição do corpo vivido na infância e adolescência. A escola representa uma abertura para a vida social mais ampla, em que o contato é muito diferente daquele estabelecido na família, na vizinhança e no círculo de amigos mais íntimos. Uma coisa é nascer criança negra, ter cabelo crespo e viver dentro da comunidade negra; outra coisa é ser criança negra, ter cabelo crespo e está entre brancos (GOMES, 2002, p.45).

Ainda se tratando das discriminações sofridas no ambiente escolar, duas das entrevistadas disseram ter sido vítimas de discriminação, vindo por parte de professores:

Professores até não que eles costumam ser mais discreto, mas de vezes enquanto deixar soltar uma ne, mas só que eles conseguem ser mais discreto do que os coleguinha. (DANDARA, 42 anos).

Assim falava diversas coisas, é eu me lembro uma vez porque eu sempre usava trança, e eu me lembro uma vez que sem querer a trança soltou, aí eu me lembro que os alunos ficaram rindo e eu me lembro que até a professora veio pra mim ne, até onde eu e falou assim, olha a tua mãe precisa amarrar esse cabelo direito se não vai ter como eu dar aula. (JOICE, 16 anos).

É ele pedia ah a tua mãe tem que te levar no salão pra cuidar desse cabelo, porque é muito, muito ruim. (JOICE 16 anos).

Segundo a entrevistada Dandara, os professores tiveram atitudes racistas em sala de aula mais que os mesmos eram mais discretos que os colegas. Já de acordo com as experiências vividas por Joice, seus professores faziam e fazem comentários a respeito de seu cabelo, dando-lhe conselhos para que a mesma procurasse um salão de beleza para da um “jeito” em seu cabelo, porque da forma que ela estava era impossível conseguisse dar aula. Oliveira (2015) salienta que:

Entendemos que o (a) professor (a) é uma peça fundamental em sala de aula, pois é ele (a) que irá mediar o processo ensino-aprendizagem e tem a responsabilidade de conduzir a turma para quebrar preconceitos, construir identidades, trabalhando durante o ano letivo temas tais como racismo, raça, devendo mostrar o negro como protagonista, e não apenas como escravo. (OLIVEIRA, 2015, p15).

Compreende-se dessa forma que a escola tem um papel significativo no processo de aceitação ou exclusão da criança negra, fazendo com que as vivências obtidas nesse ambiente norteie não apenas o comportamento como a construção da autoimagem. É notório que ainda é necessário um repensar sobre uma prática educativa emancipadora e que contribua para que haja o respeito à diversidade étnico-racial e uma possível transformação da sociedade, no qual passe a se pautar de forma mais efetiva o combate ao racismo.

Dessa forma, o papel do professor se constitui como essencial, a premissa de contribuir para que se ressignifique alguns estereótipos que sempre se fizeram presentes sobre os sujeitos negros (malandros, ladrões, empregadas, escravos), apresentando-lhes possibilidades e a importância da população afrobrasileira na formação social, histórica e cultural do país.

### 3.3.1 Família e cabelo

“Eu gosto do cabelo da pequena herdeira, com o cabelo de bebê e afro  
Eu gosto do meu nariz de negro com as narinas do Jackson Five”<sup>13</sup>

Devemos ressaltar também o papel da família no processo de construção da identidade do negro, se a família age de maneira positiva em relação à cor de pele, aos cabelos crespos, provavelmente essa criança vai crescer tendo uma boa imagem de si, valorizando os seus traços e tendo uma noção de como se defender do preconceito, caso contrário, essa criança irá crescer odiando seus traços e vai ter dificuldade em se reconhecer como negra. Segundo Gomes (2002):

A identidade negra se constrói gradativamente, num processo que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, em que os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividade e no qual se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente tal processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece (GOMES, 2002 p.171).

Ao perguntar as entrevistadas como era a relação familiar, apenas duas afirmaram enfrentar dificuldades no seio familiar por conta do cabelo:

Na verdade minha mãe e minha tia, a minha mãe na verdade eu até entendo porque tipo assim tem todo um processo com ela também né, por mais que a gente não queira que ela seja a vilã, mais aí ela acaba... Não sei se tu a passou por isso? Elas falam, porque tipo assim o padrão é o cacho, meu cabelo não é muito de formar cacho, mas puxado pro crespo mesmo né se ele puxar pro cacho é só nos primeiros dias e depois já acaba, e aí elas falam tu tem que passar mais creme nesse cabelo pra ficar mais cacheado, tu tem que vai no salão cortar principalmente quando fica muito grande elas falam, tu que cortar esse cabelo, porque, porque também é uma questão de proteção porque as pessoas já estão começando a ri de ti . (JOICE, 16 anos).

uhum... Ele não gosta até hoje ele reclama, ah esse teu cabelo é só pra gastar que tu creme, que sem ver nem pra que. Que parece uma juba até da minha irmãzinha pequeninha tá ficando igual ao meu aí ele tá dizendo... ah outra juba, e é assim, todo hora, toda vez que eu saí , tu já vai pra onde com essa juba? (BIANCA, 17 anos).

Joice diz que para o cabelo ser considerado bonito e aceito, ele tem que está em um padrão, e que os cabelos cacheados estão enquadrados nesse padrão, evidencia também a constante pressão sofrida por sua mãe que insiste que ela faça mudanças no cabelo pra que fique mais próximo dos cachos, que são considerados mais bonitos. Bianca também diz ser questionada constantemente pelo pai por conta do volume de seu cabelo.

---

<sup>13</sup> Beyoncé. **Formation**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/beyonce/formation-dirty/traducao.html>. Acesso em: 10/03/2019.

Devemos nos atentar ao crescente movimento de valorização e aceitação do cabelo, que está se instaurando como novo padrão a ser seguido, por exemplo, cabelos crespos tipo 4b e 4c continuam não sendo considerados cabelos bonitos, por conta da sua textura que não formam cachos.

Bianca diz ter dificuldade com seu pai, pois o mesmo vive questionando o volume de seu cabelo, sendo que o cabelo crespo tem essas características de possuir muito volume e não terem um formato perfeito. Segundo Oliveira (2015, p.19):

Os cabelos crespos nascem espiralados desde a raiz. Essa característica torna mais difícil a distribuição da oleosidade natural do couro cabeludo ao longo dos fios, deixando-os, por consequência, mais secos e com tendência a ter mais frizz e apresentar mais volume. Já os cabelos cacheados nascem lisos na raiz e formam cachos ao longo do fio, por isso tendem a ser menos ressecados que os crespos. Essas características tornam muitas vezes o cabelo cacheado mais aceito.

Por conta dessas características, o cabelo crespo ainda é considerado feio e inferior ao cabelo cacheado, são tidos como “rebeldes” e associado à sujeira, diferente dos cabelos cacheados que possuem espirais perfeitas, dessa maneira passam a ideia de cabelos bem cuidados. Nesse sentido, ao relacionar os tipos de cabelo a possíveis hábitos de higiene, evidencia-se que os cabelos considerados belos e bem cuidados possuem cachos soltos e sedosos, enquanto os cabelos crespos são volumosos e por isso, são tidos como “ruins” e que precisam ser melhor cuidados (OLIVEIRA, 2015).



Figura 1. Tabela sobre tipos de cabelo. Fonte: Duoneli (2019)<sup>14</sup>

### 3.4 Cabelo e trabalho

“Eles não entendem

<sup>14</sup> Disponível em: [:https://www.duoneli.com.br](https://www.duoneli.com.br). Acesso em: 09/02/2019

O que significa pra mim  
 Por onde escolhermos ir  
 Onde estivemos que estar para saber”<sup>15</sup>

No que concerne ao mercado de trabalho, muitas empresas exigem de seus funcionários uma boa aparência, que estejam sempre bem vestidos e com o cabelo bem arrumado. De acordo com Pires (2015, p.131), “o cabelo liso está ligado aos ambientes profissionais, sobretudo aos que exigem mais cuidado com a aparência. Como, por exemplo, trabalhos em que os funcionários tenham que lidar com o público, é necessário que o mesmo esteja apresentável”.

Ao perguntar às entrevistadas se elas já haviam presenciado ou se tinham sofrido algum tipo de discriminação no trabalho, apenas Dandara disse ter sido vítima do preconceito no seu ambiente de trabalho.

Já trabalhei de vendedora sim, quando eu trabalhava no armazém C lá na Imperatriz uma vez a minha gerente da um jeito no meu cabelo, só que eu também não me intimidei e virei pra ela e disse que meu cabelo era da minha raça e eu não ia mudar ele, se ela quisesse ela me tirasse do serviço mas, eu não poderia mudar o meu cabelo porque meu cabelo era daquela forma devido a minha raça negra então eu só poderia ter esse tipo de cabelo. (DANDARA, 42 anos).

Em seu depoimento, ela diz ter trabalhado como vendedora em uma grande rede de loja de eletrodomésticos, onde a gerente da loja a chamou, indagando se ela não gostaria de “dar um jeito no cabelo”, ou seja, modificá-lo para ser mais aceita no ambiente de trabalho.

Atualmente Dandara trabalha como cabelereira em um salão, que fica localizado em sua residência, e por ter passado pela transição, assumindo seu cabelo natural, vem sendo discriminada por tomar essa decisão, pois muitas pessoas dizem que não frequentam seu salão por conta de seu cabelo.

Aqui em casa mesmo como eu mexo com cabelo, eu sou cabelereira tem muitas pessoas que dizem não vem no meu salão pra fazer um corte no cabelo porque, por conta do meu cabelo, que eles têm na cabeça se eu cortar o cabelo deles vai ficar ruim igual o meu, tu acredita em pleno século 21 ainda tem gente que acredita nisso. (DANDARA, 42 anos).

Os mesmos acreditam que se a deixar em ela fazer qualquer procedimento, manipulação em seus cabelos, acreditam que seus cabelos irão ficar “ruim” igual à dona do salão, isso só demonstra o quanto o racismo está enraizado na sociedade grajuense , como a mesma coloca em pleno século XIX ainda terem pessoas que acreditam nesse absurdo.

---

<sup>15</sup> Solange Knowles. **Don't Touch My Hair**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/solange-knowles/dont-touch-my-hair/traducao.html>. Acesso em: 10/03/2019.

Ela também foi à única que disse ter sofrido na igreja por conta do seu cabelo, pois quando decidiu assumir seus cabelos crespos, fez o big chop, o que gerou grande discussão entre as irmãs da igreja, no qual a maioria das mulheres evangélicas possui cabelos lisos e compridos.

Em sua fala ela menciona que foi na igreja onde ela se sentiu extremamente rejeitada, mas, que apesar da rejeição encontrada ela não mudou de ideia com relação à decisão de usar seus cabelos naturais:

Não lá na igreja foi onde eu encontrei mais rejeição né como o meu cabelo, tavaliso ele era um pouquinho maior, mais comprido aí eu cheguei com ele curtinho, aí as irmãs ficaram falando que não combinava, como que uma mulher que nem era do vocal, uma mulher elegante com aquele cabelo curto, eu fui 100% rejeitada nessa forma do cabelo curto e do cabelo ruim... Não fica melhor com aquele teu cabelo lisim, com aquele teu cabelo mais comprido, tá curto demais, taparecendo pessoas que não são crente, que esse cabelo curto não da certo com crente, no começo eu fiquei um pouco constrangida mas depois joguei minha autoestima pra cima de novo e está aqui eu, maravilhosamente satisfeita. (DANDARA, 42 anos).

Assim como a escola, a igreja é um importante espaço social e por isso mesmo, tem forte interferência sobre a autoestima das pessoas negras. Nesse aspecto, problematiza-se sobre o depoimento de Dandara, que apontou a complexidade das relações de gênero nos ambientes religiosos, pois como bem colocado por ela, uma mulher membro de um vocal e com cabelo curto, não foi vista de forma positiva, outro ponto que deve ser levado em consideração é a “negação das raízes africanas quando os pretos e pretas no Brasil se tornam membros das igrejas. Pensam que aceitar o Evangelho é aceitar as ideias de branquitude do cristianismo americano no Brasil” (PINHEIRO, 2010,p. 1).

Infelizmente a igreja pode auxiliar numa compreensão racista acerca da população negra e dos seus símbolos, o que perpassa não apenas na demonização das religiões de matrizes africanas, como também nos corpos e cabelos dos negros e negras, com as quais, se assentam significativas discriminações.

#### 4 ENTENDENDO A RELAÇÃO ENTRE ESTÉTICA NEGRA E EMPODERAMENTO FEMININO SOB A ÓTICA DAS MULHERES GRAJAUENSES

“Você sabe que esse cabelo é o meu melhor  
Levei tempo para assumi-lo  
Mas este aqui é meu”<sup>16</sup>

A imagem do povo negro sempre foi vista de maneira inferior, por terem cabelos crespos, nariz achatado e lábios grossos, essas características estão associadas à deformidade e feiura. Duarte (2003) apresenta a estética como “ciência da beleza”, no qual a estética está intimamente relacionada com a aparência de pessoas e/ou objetos.

Com isso, a beleza está ligada diretamente a aparência do indivíduo e a imagem do negro sempre estiveram ligadas a estereótipos negativos, em contraponto à ideia de beleza predominante, que por sua vez, está associada a pessoas brancas de cabelos lisos e louros, pele branca, olhos azuis, lábios e nariz fino, ou seja, os negros nunca estiveram encaixados nesse padrão.

No contexto desta pesquisa, torna-se essencial compreender o processo de empoderamento das mulheres negras, que está ligado diretamente à valorização dos traços negroides, à beleza negra, de mulheres que decidiram romper com esses padrões no qual estavam submetidas, ao quebrarem com esses referências de beleza ao qual estavam inseridas desde a infância, estão se redescobindo enquanto mulheres negras. Redescobindo e valorizando a sua beleza, que durante muito tempo teve que ser escondida através dos procedimentos químicos ao qual se submeteram a vida toda. Mas além da questão estética, empoderamento negro é também você conhecer suas origens, saber a luta do povo negro.

Segundo Santos (2008), a tendência de “retorno” ao cabelo crespo, através da transição capilar, impulsionou a articulação do movimento mais ampliado pela aceitação e posituação desta característica negroide, o rompimento com um modelo estético predominante; além da emancipação feminina. Destaca-se a análise de Ivanilde Guedes de Mattos (2015, p.49) que entende que “o movimento de mulheres negras pelo empoderamento do cabelo crespo surge na contemporaneidade como um signo de apropriação de negritude anteriormente negado e silenciado pelo padrão branco de beleza”.

Ao perguntar nas entrevistadas o que elas entendem por empoderamento, obtivemos as seguintes falas:

---

<sup>16</sup> Solange Knowles. **Don'tTouchMyHair**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/solange-knowles/dont-touch-my-hair/traducao.html>. Acesso em: 10/03/2019.

Empoderamento é a gente saber se colocar dentro dessa questão justamente onde existe tanto preconceito, a gente saber se colocar, se posicionar de forma positiva entendeu a gente não se calar diante de certos comentários, de certos preconceitos isso pra mim é empoderamento entendeu, a mulher se colocar mesmo é que seja doloroso ou qualquer coisa do tipo, mas a pessoas saber se colocar de forma positiva nesse momento. (MEL, 24 anos).

Eu acho que é você se aceitar do jeito que você é acabou é isso. Você brilha quando você se aceita do jeito que você é. (CONCEIÇÃO, 38 anos).

Empoderamento é um processo, a gente se empodera não é de um dia pro outro, empoderamento e a partir do momento que eu me empodero eu também empodero outras pessoas. O empoderamento é também como que eu posso dizer [...] um instrumento de resistência é onde eu posso [...] a partir da minha existência empoderar outras enfim acho que é isso. A partir do momento que eu tenho consciência da minha existência na sociedade empoderamento é isso eu acho é consciência do meu papel na sociedade, enquanto mulher negra e a parti do momento que eu tenho essa consciência eu também ajudo outras pessoas a ter consciência de todo esse sistema de qual o seu lugar na sociedade, romper barreiras ocupar espaços sociais, acho que empoderamento é isso e ajudar outras pessoas também a ter essa noção, essa consciência. (NILMA, 23 anos).

Empoderamento de acordo com as falas das entrevistadas significa ter autonomia, no sentido de poderem usar seus cabelos da maneira que desejar, se aceitando da forma que são. A entrevistada Nilma acredita que empoderamento é uma ação coletiva, no ato dela se empoderar aceitando seus traços, tendo consciência do seu papel na sociedade ela acaba por influenciar outras mulheres a se empoderar também.

A definição de empoderamento é próxima da noção de autonomia, pois se refere à capacidade de os indivíduos e grupos poderem decidir sobre as questões que lhes dizem respeito, escolher, enfim entre cursos de ação alternativos em múltiplas esferas – política, econômica, cultural, psicológica, entre outras. Desse modo, trata-se de um atributo, mas também de um processo pelo qual se auferem poder e liberdades negativas e positivas. Pode-se, então, pensar o empoderamento como resultante de processos políticos no âmbito dos indivíduos e grupos. Numa perspectiva emancipatória, empoderar é o processo pelo qual indivíduos, organizações e comunidades angariam recursos que lhes permitam ter voz, visibilidade, influência e capacidade de ação e decisão. Nesse sentido, equivale aos sujeitos terem poder de agenda nos temas que afetam suas vidas. Como o acesso a esses recursos normalmente não é automático, ações estratégicas mais ou menos coordenadas são necessárias para sua obtenção (HOROCHOVSKI; MEIRELLES, 2007, p. 486).

Compreende-se dessa forma que o empoderamento relacionado à estética negra vai para além do retorno aos cabelos naturais e a valorização da negritude, mas parte da evidência de que os corpos negros também são corpos políticos, que envolvem a construção de novas posturas de reafirmação da identidade, ao mesmo tempo em que estabelecem diferentes formas de militância individual e coletiva, que evidenciem o direito da mulher negra de usar o cabelo da forma como bem desejar, inclusive tratando o alisamento como uma opção e não como uma imposição, como outrora existia.

#### **4.1 Cabelo e resistência: A construção da identidade negra a partir do cabelo crespo**

“Estenda os tapetes, pois a preta vai passar!  
Vem chegando a preta com seu cabelo Black”<sup>17</sup>

O processo de construção da identidade é constituído a partir das relações e interações que o indivíduo tem com o outro, é construída socialmente, as instituições familiares e a escolar também tem papel importante na construção da identidade. A construção identitária das mulheres negras se dá de forma conflituosa, a mulher negra só vai construir uma imagem positiva de si, se identificar e se auto afirmar enquanto negra dependendo de como a mesma vai ser vista e tratada. E por estarem inseridas em uma sociedade racista, que discrimina o que é “diferente” do padrão, por esse motivo o processo de se reconhecer enquanto negro (a) é um processo doloroso e que às vezes demora.

Ao perguntar como foi o processo de construção das entrevistadas a maioria respondeu que:

Ta, eu vou falar. Eu vou começar falando um pouquinho sobre mim, então eu sou filha de pais negros, meus pais são do sertão daqui de Grajaú, eu morei... Minha infância eu passei no sertão aí vim pra cá quando iniciei o ensino fundamental, fazer o ensino fundamental e médio até chegar aqui na universidade. Então desde criança eu sempre tive dificuldade ne, quando criança na verdade eu tinha dificuldade de me achar bonita, de gostar do meu cabelo, principalmente pelo fato de haver críticas ne é vindas principalmente dos meus pais e de toda a minha família, na escola e isso fazia com que eu odiasse realmente o meu cabelo e querer ter cabelo liso, cabelo longo, ter pele branca, ter traços finos tudo isso. Então a partir da minha... A minha adolescência foi assim terrível, eu acho que é a pior parte de nos mulheres negras é porque é acho que perdi meu raciocínio [...] Enfim aí eu comecei a fazer alisamento desde muito cedo acho que eu tinha entre 6 e 7 anos de idade, muito nova e a partir daí eu alisei meu cabelo até um ano e meio atrás mais ou menos, eu usava alisamentos. E a partir daí eu costumo dizer não, eu tenho certeza foi a partir do contato com a universidade que foi um divisor de águas assim pra mim a universidade. Em tudo na minha vida, principalmente no que diz respeito a essa minha construção de identidade, aceitar meus traços, conhecer realmente o que é a mulher negra na sociedade, tudo isso! Todo esse sistema que a mulher negra esta inserida e foi a partir disso que comecei a desconstruir toda essa ideia de que a mulher negra é feia, de que o cabelo crespo é feio e de que os traços negroides eles são não feios em relação à mulher branca, e foi à universidade que me fez desconstruir essa ideia de mulher feia, de mulher negra. Foi daí que eu construir e reconstruir uma, uma identidade realmente positiva. (NILMA, 23 anos)

Pois é quando mais jovem devido todo mundo, todas as minhas colegas ter o cabelo lisimne, as vezes de nascença ou porque alisa mesmo, eu alisei muitas vezes o meu cabelo, alisava, alisa por conta, as vezes dava corte químico. Eu fazia uns procedimentos caseiros quando criança eu misturava potassa com maisena fazia as vezes feria, e sempre caia, nunca segurou. Aí como eu fui tendo esse tipo de [...] de desconforto ne, as vezes o cabelo caia aqui na frente fica muito peladim aqui ( fez gesto com as mãos) aí eu passa um tempo sem fazer as vezes as pessoas criticam ne, esse cabelo ruim chamava a gente de Bombril de alguma coisa, quando a gente é

<sup>17</sup> Marvin Pires. **Preta**. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/marvin-pires/preta.html>. Acesso em: 10/03/2019.

jovem tudo a gente se importa, agora, agora não, agora eu já tenho a minha personalidade definida o que eu escolho. E aí então eu deixei de alisar o meu cabelo, assumir as minhas origem, devido ta todo mundo se assumindo né, o povo ta se assumindo negro da maneira que eles gostam de se, também resolvi deixar de pintar e alisar o meu cabelo to me sentindo melhor assim, as vezes recebo muita critica, mulher tu mexe com salão cabeleleira tinha que ser exemplo, tinha que ter teu cabelo liso sempre arrumado, só que eu acho que a minha origem é negra e eu quero assumir as minha origem e optei por ter meu cabelo assim e recebo muita critica ne, porque como eu mexo com cabelo de arrumar deixar todo mundo bonitim eu tenho de obrigação ta com o meu bonitim mesmo que sendo a força, mas aí eu decidi usar o meu da maneira que eu nasci que é a minha realidade a minha origem. (DANDARA, 42 anos).

Podemos perceber nas falas das entrevistadas o quanto a infância delas foi difícil, ainda tão novas tiveram que suportar tanta rejeição por parte da família e dos colegas, sentimento esse que nenhuma criança deveria sentir. Nilma por não ter apoio de sua família, viu se obrigada a alisar os cabelos. E todas essas experiências influenciaram de forma negativa, fazendo com a mesma passasse a não se reconhecer enquanto negra. Na fala de Dandara, podemos ver o quanto ela sofreu e não suportando mais ser chamada de cabelo de “bombril”, cabelo “ruim” fez procedimentos caseiros com potassa e maizena que danificou a estrutura de seu cabelo, não só o cabelo mas com sua autoestima. Ao deixar de alisar, ainda recebe críticas por ser dona de um salão e não andar com o cabelo “arrumado”. Mas que na fase adulta apesar de todos os problemas enfrentados, hoje elas usam seu cabelos crespos.

Por conta dessas experiências vividas, a criança negra passa a negar a sua identidade, não se vendo como um ser negro. Segundo Gomes (2003),

A identidade negra é entendida, como uma construção social, histórica, cultural e plural. (...) Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros. (GOMES, 2003, p.171).

Nota-se que as entrevistadas vieram a se reconhecer enquanto mulheres negras já na fase adulta, isso só demonstra o quanto o processo de construção de identidade depende do outro, e no caso esse outro não influenciou essas mulheres de forma positiva. Essas mulheres passaram a infância, a adolescência e uma parte da fase adulta não se vendo como negras, porque estavam em uma família que não acolhia, que a escola que frequentavam não estava preparada para recebê-las, que os professores que deveriam proteger e intervir em alguma situação de discriminação não fez justamente por não terem uma formação que preparassem eles para lidar com esse tipo de situação.

Para que isso seja alcançado, a discussão sobre racismo, preconceito e discriminação deve ser incorporada às ações pedagógicas, exigindo dos/as educadores/as, a apropriação de termos e conceitos imprescindíveis no desenvolvimento da

competência e criticidade necessária para sua abordagem em sala de aula e na mediação dos conflitos emergentes no ambiente escolar. (SILVA; LÉTTI, s/d, p.140)

Diante disso percebe-se a necessidade de políticas para a formação de professores de Grajaú, para que sejam capazes de lidar com a questão étnica racial em sala de aula, promovendo conhecimentos acerca da questão e tornando a escola um ambiente agradável, respeitando a diversidade que uma sala de aula possui.

#### **4.2A influência da mídia sob a estética negra: moda ou resistência?**

*“Quando me olho não me vejo na TV  
Quando me vejo estou sempre na cozinha  
Ou na favela submissa ao poder  
Já fui mucama mas agora sou neguinha”<sup>18</sup>*

Nos últimos anos houve um crescimento perceptível de mulheres negras que decidiram parar de alisar os cabelos crespos e passaram a aceitar seus cabelos naturais, isso deve-se em grande parte a luta dos movimentos negros que prega que negros e negras devem valorizar seus traços, sobretudo os cabelos crespos, dessa forma causando uma tomada de consciência da ancestralidade negra. Como bem expõe Santos (2018, p.9):

A tendência de retorno ao cabelo “natural” e a aceitação do cabelo crespo, observadas nos últimos anos, assumi caráter político e se constitui enquanto uma forma de resistência, de afirmação da beleza negra e de empoderamento negro feminino.

Ressalta-se ainda o uso das mídias que vem reafirmando a ideia de aceitação da identidade negra e valorização do cabelo crespo. No qual o número de propaganda com mulheres negras aumentou, fazendo com as mesmas se sentissem mais representadas na mídia.

Como consequência positiva dessas propagandas, a indústria de cosméticos também mudou, passando a produzir produtos voltados para mulheres com cabelo crespo, propiciando com que elas se sentissem mais a vontade em passar pelo processo de transição, já que outrora os produtos que tinham para cabelo crespo, eram cremes alisantes que tinham como finalidade modificar a estrutura do cabelo crespo, deixando alisados para ficar mais próximo do padrão eurocêntrico, ou relaxando a raiz com o intuito de diminuir o volume do cabelo deixando os cachos mais abertos.

---

<sup>18</sup> Adão negro. **Adão negro**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/adao-negro-musicas/127571/>. Acesso em: 10/03/2019.

Atualmente há uma grande variedade de produtos voltados para cabelos cacheados e crespos facilitando o cuidado com os mesmos.

Acompanhando a tendência de valorização do cabelo crespo, empresas de cosméticos criam linhas de produtos capilares direcionados a este segmento e campanhas publicitárias que contribuem para os cuidados com o crespo, em suas diferentes texturas. As marcas de produtos para cabelos passam a investir neste grupo de consumidoras composto, especialmente, por mulheres pardas e negras. Este segmento, até então, era pouco contemplado pelo mercado. (SANTOS, 2018, p.41).

Ao serem questionadas sobre a influência da mídia para a aceitação dos cabelos crespos, a maioria das entrevistadas afirmou em seus depoimentos que a mídia teve um papel importante na decisão de passar pela transição capilar.

Incrivelmente como tudo na vida o mundo ele dá muitas voltas, muitos ciclos e agora tá super na moda ter o cabelo enrolado, os produtos, você tem produtos pra você, você tá fazendo com que a indústria ganhe dinheiro praticamente é nós. Que nos que compramos as coisas e os produtos do cabelo, que são bons produtos são muitos caros muitos caros, então foi exatamente o que ela faz, ela se retroalimenta porque o que acontece quando ela diz vamos todo mundo ter o cabelo enrolado ter o cabelo crespo, assuma seu cabelo cachos, então é bacana, vamos todo mundo se assumir, quer dizer aí ela faz milhões de produtos pra vender para o cabelo cacheado. Então assim é muito importante, tem como não é um sistema opressor, você lutar só você pode como sempre teve as meninas que com os cabelos normais sem alisar, mas, elas eram uma no meio de cem, agora todo mundo tá com os seus cabelos. (CONCEIÇÃO, 38 anos).

É agora realmente tem bastante influência por conta das propagandas, antigamente nem creme pra cabelo cacheado não tinha era praticamente liso, liso, e agora a mídia mostra mais isso de cremes, principalmente o ceda essas marcas assim mais famosa, elas influencia bastante e por conta desse cremes eu não desistir eu achei bastante legal esses cremes. (BIANCA, 17 anos)

É a mídia ela foi muito importante, principalmente nessa etapa da transição capilar que ela me ajudou de muito, eu pesquisava muito sobre esse processo e foi muito bom principalmente por ter outras meninas falando desse assunto na internet no youtube em específico, e foi assim essencial pra mim nesse processo de transição e de cuidados realmente com meu cabelo. (NILMA, 23 anos)

Em um dos depoimentos, a entrevistada Nilma destaca o Youtube como ferramenta essencial no processo de cuidado com os cabelos, sendo esta uma plataforma digital que reúne uma variedade de conteúdos, incluindo vídeos que tratam sobre o cuidado com diferentes tipos de cabelos. Nilma é blogueira e mostrou seu processo de transição nas redes sociais, o que acabou por influenciar outras meninas a usarem seus cabelos crespos. Segundo Oliveira (2015), as próprias meninas que passaram por alguma situação de preconceito se tornaram protagonistas, abrindo espaços nas redes sociais, como YouTube, Facebook e outros, para falarem sobre seus cabelos. Muitas são *blogueiras* e têm se dedicado não só a ensinar dicas de cuidados com os cabelos, mas também abordar questões de aceitação e autoestima, o que tem ajudado muitas jovens a passar pela transição.

Contudo, Conceição relata que só passou a aderir aos cabelos crespos por conta de ter se tornado moda, e faz uma crítica afirmando que a indústria e a mídia se aproveitam desse movimento de valorização do negro para lucrar. Todavia, Segundo Oliveira (2015 p.30) “ainda que o número de mulheres de cabelos crespos tenha aumentado esse acontecimento não pode ser considerado como moda, mas sim como uma escolha pela liberdade, um ato político que se configura como resistência”.

Compreender que o seu crespo está intimamente ligado à sua identidade negra faz com que você consiga ter segurança e convicção. Assim, quando a tendência acabar, você continuará firme no seu posicionamento em relação ao uso do cabelo crespo (MENINAS BLACK POWER, 2013, p. 1).

É sabido que a mídia é um meio de dominação em massa que dita costumes e padrões, intervindo diretamente na relação que a mulher negra tem com seu cabelo e com seu corpo.

Num mundo em que tudo, inclusive a força de trabalho, se tomou mercadoria, os fins permanecem não menos indiferenciados que no esquema de produção - são todos rigorosamente quantificados e se tomaram abstratamente comparáveis por meio da moeda, de seu preço ou salário respectivos. Mais ainda, podemos agora formular sua instrumentalização, sua reorganização com base na separação meios/fins, numa nova forma, dizendo que, mediante sua transformação em mercadoria, uma coisa de qualquer tipo foi reduzida a um meio para seu próprio consumo. Ela não tem mais nenhum valor qualitativo em si, mas apenas até onde possa ser "usada": as várias formas de atividade perdem suas satisfações intrínsecas imanentes enquanto atividade e tomam-se meios para um fim (JAMESON, 1994, p. 3).

Nesse aspecto, é importante a compreensão de que a mídia vem utilizando-se desse movimento de reafirmação da negritude e da aceitação para fins mercadológicos, ou seja, o surgimento de campanhas e propagandas, o lançamento de linhas de produtos voltados para cabelos crespos, não parte de uma busca por auxiliar as mulheres negras nesse processo de transição, mas sim de se apropriar dessas pautas com o intuito de aumentar seu capital, considerando as mulheres negras como consumidoras em potencial.

Entretanto, a história das mulheres negras sempre foi marcada pela resistência, durante a escravidão ao qual foram submetidas lutaram ao lado de seus companheiros pela liberdade, foram protagonistas de grandes rebeliões, “demonstrando posicionamento político de denúncia e resistência contra a invisibilidade de significantes de cultura negras e dos processos de branqueamento impostos pela sociedade” (OLIVEIRA, 2008, p. 30).

No contexto atual, a luta pelos seus direitos fundamentais (saúde, educação, segurança, trabalho) ainda se fazem presentes, entretanto, esta se soma à busca por viver sem que seus corpos e sua imagem sejam violados por essa sociedade racista, que acreditam na

inferioridade da mulher negra, e no contexto dessa pesquisa atualmente as mulheres negras estão lutando para ter o direito de andar com seus cabelos na forma natural, resistindo aos padrões.

Ao perguntar as colaborados se o cabelo crespo pode ser concebido como um instrumento de resistência a maioria disse que sim:

Porque tipo assim eu estou resistindo pro conceito, aos padrões entendeu que a sociedade esta exigindo de mim, porque a sociedade quer o que, que eu seja loira, branca, do olho azul ne e cabelo liso, e quando eu vou mostrar isso pra sociedade que eu não quero ser assim, isso ta dizendo que eu estou resistindo a isso! (JOICE, 16 anos).

É assim eu acho que pra que ate uma vez conversei contigo sobre isso! Pra mulher negra, a mulher já mulher negra acho que tudo é resistência, você viver é resistência, você fazer suas próprias escolhas é resistência é eu acho que tu assume o teu cabelo e começa a ver que teu cabelo é bonito, acho que é a transformação de você aceitar você como você é mesmo. Sabe por que a gente cresce com a sociedade, esse sistema ele é muito grande ele é muito pesado, ele te empurra pra tu começar a achar que tu daquela forma é inadequada, então eu acho que é uma libertação, foi libertador alias vou pro psicólogo e falo muito isso que foi quando eu assumir meu cabelo muita coisa mudou na minha psique, deu dizer assim oh meu cabelo é bonito quer dizer que todos que diziam que meu cabelo era feio estava todo mundo errado. Se eu tivesse seguido na minha, se eu tivesse acreditado mais em mim sabe, então tinha dado certo, mas eu vou seguir outras coisas que estavam me impondo e tudo. (CONCEIÇÃO, 38 anos).

É sim, ele é sim um instrumento de resistência a partir do momento que eu assumo o meu cabelo [...] é meu cabelo crespo eu tô resistindo a um padrão um padrão hegemônico ai que diz que nosso cabelo é feio, que nosso cabelo... E eu to ai com meu cabelo belo, lindo e resistindo a esse padrão ai. (NILMA, 23 anos).

As entrevistadas afirmaram que o cabelo crespo é um instrumento de resistência, e ele se configura com tal, a partir do momento que a sociedade tem padrões a ser seguido, de que as mulheres têm que ter cabelo liso pra ser consideradas bonitas, e quando as mesmas não se adéquam a esse padrão que é imposto, então isso se representa como resistência. Destaco a fala da Conceição que diz que tudo o que se refere à mulher negra é resistência, e ao passar pela transição, além de mudar sua aparência também mudou a sua psique, mudou a forma como ela via seu cabelo. Aspis (2012) acredita que re-existência, são novas formas de existir, são aberturas para novas possibilidades de vida. É um resistir que se transforma, por essa resistência, em uma nova forma de existir no mundo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Discutir acerca da construção da identidade negra no Brasil não se constitui como uma tarefa simples, primordialmente se for considerado que durante muito tempo, a negação da negritude se construiu com um caminho seguro, no qual a miscigenação ajudou a mascarar

uma não-democracia racial, que sempre subjugou homens e mulheres negros e negras, em especial os que não se encaixavam nos padrões estabelecidos.

Nesse sentido, a hiperssexualização e a discriminação presentes nas trajetórias das mulheres negras foram cruciais para determinantes processos, dentre os quais se assenta o alisamento capilar, desde muito novas, as meninas negras se viam pressionadas a alterar quimicamente a textura dos seus cabelos, em buscar de aceitação até dentro do seu ambiente familiar, o que por sua vez, trouxe consequências desastrosas para a autoestima, a construção de relações amorosas, até mesmo a aceitação no mercado de trabalho.

Conforme o discurso de empoderamento foi sendo introduzido nos cotidianos desses sujeitos, começou um importante movimento de articulação coletiva em prol da transição capilar, substituindo a antiga ideia de que os padrões eurocêntricos de estética eram os padrões desejados e aqueles que não se adequassem, eram excluídos.

O cabelo crespo que antes era sinônimo de sujo, mal cuidado, passa então a ser uma significativa estratégia de resistência e politização, proporcionando que diferentes gerações de mulheres negras, como foi possível observar a partir das entrevistas, passaram por processos de negação-exclusão-autoaceitação semelhantes nas mais variadas esferas: família, escola, igreja e trabalho, ao mesmo tempo que a transição capilar, foi imprescindível não apenas para o surgimento de uma nova consciência sobre suas identidades étnico-raciais, como também lhes trouxeram inúmeros desafios, com as quais são impostos diariamente muitos desafios.

As 06 mulheres negras que fizeram parte da pesquisa, mesmo com faixas etárias e ocupações tão diferentes, se conectam por um passado, presente e futuro de resistência enquanto parte de um segmento étnico-racial que ainda busca conquistar espaços que historicamente lhes foram negados e cujas estéticas ainda se assentam a perspectivas estereotipadas de grande parte da sociedade, desse modo, convém destacar que resistência e empoderamento dialogam na ressignificação das trajetórias dessas mulheres, a partir da transição, em contraponto a uma sociedade que ainda não conseguiu se desvencilhar de séculos de opressão contra a população afrobrasileira e que com isso, acostumou-se a naturalizar ideias de que “o cabelo crespo é ruim”, “o cabelo liso é bonito”, especialmente com uma mídia e toda uma estrutura que sempre colocou os traços brancos (cabelo liso, louro, olhos claros, pele clara) como os traços aceitáveis.

Por fim, destaca-se que a transição capilar antes de tudo, é um ato de coragem, que nem sempre está relacionado com a reconstrução de uma negritude, como foi apontado na pesquisa, muitas das entrevistadas, começaram a aceitar o cabelo natural por moda,

entretanto, conforme os desafios foram surgindo, as mesmas encontraram na resignificação das suas estéticas, um instrumento de empoderamento e resistência diante de uma sociedade grajauense que ainda é racista.

## REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Ramon Luis de Santana. Diversidade e Colonialidade em Grajaú-MA: Desafios para a Formação de Professores. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 1, p. 108-125, 2015.

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. O corpo negro e os preconceitos impregnados na cultura: uma análise dos estereótipos raciais presentes na sociedade brasileira a partir do futebol. **Movimento**, v. 17, p. 265-280, 2011.

ASPIS, Renata. **Ensino de Filosofia e Resistência**. 2012. 211f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP. 2012. P.26.

BERNARDINO-Costa, Joaze, GROSFOGUEI, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. In: **Sociedade e Estado** [online] ,2016.

CASTELLS, Manuel, 1943. O poder da identidade / Manuel CASTELLS; TRADUÇÃO: KlausBrandiniGertdardt. – A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.2, 2010.

COUTINHO, Lúcia Loner. **Antônia sou eu, Antônia é você**: Identidade de mulheres negras na televisão brasileira. 2010.

DAVIS, Angela, 1944 - . Mulheres, raça e classe / Angela Davis; tradução: Heci Regina Candiane. – 1ª ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE JUNIOR, João – Francisco. **O que é beleza** ( experiência estética). São Paulo: Brasiliense, 2003.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FLORENTINO, Manolo. **Em costas negras**: uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (Séculos XVIII e XIX), São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 149.

FOUCAULT, M. **O sujeito e o poder**. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. **O sujeito e o poder.** In: DREYFUS, H. L. & RABINOW, P. **Michel Foucault: Uma Trajetória Filosófica – Para além do estruturalismo e da hermenêutica.** Cidade. Forense Universitária, 2000.

GIOVINAZZO, Renata A. **Focus Group em Pesquisa Qualitativa – Fundamentos e Reflexões.** – FECAP, 2001.

GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?.** Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.21, pp.40-51.

\_\_\_\_\_. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: Um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo.** Educação e pesquisa. São Paulo. V. 29, n.1.p 167-182. Jan/jun.2003.

GONZALEZ, Lélia. "Por um feminismo afrolatinoamericano". In: *Revista Isis Internacional*, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988.

HAHNER, June E. (1978). **A mulher no Brasil** (Rio, Civilização Brasileira).

HOOKS, Bell. Alisando o nosso cabelo. **Revista Gazeta de Cuba** – Union de escritores y artista de Cuba, Tradução Lia Maria dos Santos, p. 1-8, Jan-Fev. 2005 Disponível em: . Acesso em: <https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/#axzz3ZBBwtIph>. Acesso em: 24 Fev. 2019.

HOROCHOVSKI, R. R.; MEIRELLES, G. Problematizando o conceito de empoderamento. In.: II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007. Disponível em: . Acesso em: 24 Fev. 2019.

KING, Ananda melo. **Os cabelos como fruto que brota de nossas cabeças.** Geledes Instituto da mulher negra, 2015. Disponível em: [HTTP://www.geledes.org.br/os-cabelos-como-fruto-doque-brota-de-nossas-cabeças/#axzz3ZBeYdmWu](http://www.geledes.org.br/os-cabelos-como-fruto-doque-brota-de-nossas-cabeças/#axzz3ZBeYdmWu). Acesso em 21 de fev.2019.

LODY, R. G. da M. **Cabelos de Axé: Identidade e resistência.** Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2004. 136p.

LOPES, Helena Theodoro. Mulher, cultura e identidade afro-brasileira. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente.** São Paulo: Selo Negro, 2008.

MENINAS BLACK POWER. **Identidade crespa**. 2013. Disponível em: <<http://meninasblackpower.blogspot.com.br/2013/09/identidade-crespa.html>.> Acesso em 31 de ago. de 2015.

MATTOS, Ivanilde Guedes de. **A negação do corpo negro**: representações sobre o corpo no ensino de educação física. 2007. 148p. Dissertação (mestrado em educação) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador.

NASCIMENTO, Abdias do; "Discurso pronunciado na Associação Brasileira de Imprensa, em 26/08/1950". *Quilombo*, n° 10, 1950, apud idem. *O negro revoltado*. Rio de Janeiro:Edições GRD, 1968, p. 67.

NAKANO, Adelino Kaoni; JOEKES, Inês. **Comparação de danos induzidos em cabelos de três etnias por diferentes tratamentos**. 2006. Tese de Doutorado. Dissertação de mestrado. Instituto de Química, Unicamp. Disponível em: . Acesso em: 24 Fev. 2019.

OLIVEIRA, Maria Luisa Pereira de; MENEGHEL, Stela Nazareth and BERNARDES, Jefferson de Souza. **Modos de subjetivação de mulheres negras**: efeitos da discriminação racial. *Psicol. Soc.*[online]. 2009, vol.21, n.2, pp.266-274.ISSN 0102-7182. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822009000200014>.

OLIVEIRA, Gabriela de Souza. **“Em terra de chapinha, quem tem cachos é rainha”**: A visibilidade dos cabelos afrodescendentes nas campanhas publicitárias de Dove e GarnierFructis. Brasília (DF), novembro de 2015.

OLIVEIRA, Adja Mota de; SOUSA, Fabiana Leandro de; MOURA, Deyse. **Identidade racial na educação infantil**: o que pensam as professoras acerca da educação das relações raciais e da construção de uma autoimagem positiva da criança negra?.2015 p.15.

PEREIRA, Lilia Campos. A construção da identidade da mulher negra no Brasil.**IN: XV Congresso Internacional de Humanidades, Palavra y Cultura en América latina**: Herencias y desafíos Tema: Valores y creencias en el contexto sociolingüístico y cultural latinoamericano Facultad de Historia, Geografía y Letras. Santiago de Chile: Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación, 2012.

PIRES, Karen Tolentino de. **Crespa ou alisada: Os diferentes significados da manipulação do cabelo afro entre mulheres negras da cidade de Santa Maria-RS**. 2015.

PRESTES, C. R. S.; VASCONCELLOS, E. G. **Mulheres negras**: resistência e resiliência ante os efeitos psicossociais do racismo. Pambazuka News, 2013.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. (Orgs.). **Liberdade por Um Fio**: história dos Quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.139-163.

SAFFIOTI, He Leiet h LB. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1976.

SANTOS, Márcio André de O. dos. Política Negra e Democracia no Brasil Contemporâneo: Reflexões sobre os Movimentos Negros. In: PAULA, M. de P.& HERINGER, Rosana (Orgs.) **Caminhos convergentes**: Estado e Sociedade na superação das desigualdades raciais no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Boll, ActionAid, 2009.

SANTOS, Sabrina Albuquerque. **Meu Black é Power! Uma abordagem sobre o orgulho crespo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. 2018. Monografia – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica.

SANTOS, Nadia Regina Braga dos. **Do Black Power ao cabelo crespo: A construção da identidade negra através do cabelo**. 2015. Acesso: [https://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/artigo\\_nadia.pdf](https://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/artigo_nadia.pdf). Acesso em 24 de Fev. 2019.

SOUZA, Claudete Alves da Silva. **A solidão da mulher negra**: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.

SOUZA, Élita Luzia de. **Estética do cabelo e comportamento psicossocial : um estudo comparativo entre México, Chile e Brasil**. 2009. Monografia (Especialista no Magistério Superior) - Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2009. Disponível em: . Acesso em: 24 Fev. 2019.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UEDA, Graciene Reis; MOURA, Antonio Guanacuy Almeida. **O resgate da identidade negra por meio do cabelo afro**. IFTO: Tocantins, 2016.

VAN DIJK, T. A. **Racismo e discurso na América latina**. São Paulo: Contexto, 2008.